



# Projeto Livro Livre

## Iba Mendes

"Quem me dera, agora, que as minhas palavras se escrevessem!  
Quem me dera que se gravassem num livro!"

Jó 19:23

# Literatura



José de Alencar  
*Mãe*



**Iba Mendes Editor Digital**  
[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)

*Mãe*

José de Alencar

Atualização ortográfica e projeto gráfico

Iba Mendes

---

Publicado originalmente em 1860.

Livro Digital nº 850 - 1ª Edição - São Paulo, 2017.

Teatro - Literatura Brasileira.

**José Martiniano de Alencar**

**(1829 - 1877)**



**Iba Mendes Editor Digital**

**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**

# PROJETO LIVRO LIVRE



*Oh! Bendito o que semeia  
Livros... livros à mão cheia...  
E manda o povo pensar!  
O livro caindo n'alma  
É germe — que faz a palma,  
É chuva — que faz o mar.*

**Castro Alves**

O **Projeto Livro Livre** é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, livre e gratuito, de obras literárias já em Domínio Público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital. Sendo assim, não objetivamos fins comerciais ou promoção política. Tal qual o saudoso Nelson Jahr Garcia, pioneiro na divulgação do Livro Digital no idioma português, sempre estudei por conta do Estado, ou melhor, da Sociedade que paga impostos. Por isso, sinto-me também na obrigação de "*retribuir ao menos uma gota do que ela me proporcionou*". Daí o nosso esforço que se resume na simplicidade e na solidariedade.

\*\*\*

Segundo normas e recomendações internacionais estabelecidas pela maioria dos países, incluindo Brasil e Portugal, uma obra literária entra em Domínio Público 70 anos após a morte do seu criador intelectual.

O nosso Projeto, que tem por objetivo colaborar na divulgação da Literatura em Língua Portuguesa, em suas variadas modalidades, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por imprecisa razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza de nos informar no e-mail: [iba@ibamendes.com](mailto:iba@ibamendes.com), a fim de que seja imediatamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso dos bens culturais. Assim esperamos!

\*\*\*

O Livro Digital é – certamente – uma das maiores revoluções no âmbito editorial em todos os tempos. Hoje qualquer pessoa pode editar sua própria obra e disponibilizá-la livremente na Internet, sem aquela imperiosa necessidade das editoras comerciais. Graças às novas tecnologias, o livro impresso em papel pode ser digitalizado e compartilhado nos mais variados formatos digitais, tais como: PDF, TXT, RTF, EPUB, entre muitos outros. Contudo, trata-se de um processo lento e exaustivo, principalmente na esfera da realização pessoal, implicando ainda em falhas decorrentes da própria atividade de digitalização. Por exemplo, erros e distorções na parte ortográfica da obra, o que pode tornar ininteligíveis palavras e até frases inteiras. Embora todos os livros do **Projeto Livro Livre** sejam criteriosamente revisados, ainda assim é possível que algumas dessas falhas passem despercebidas. Desta forma, se o distinto leitor puder contribuir para o esclarecimento de eventuais incorreções, pedimos gentilmente que entre em contato conosco, a fim de efetuarmos as devidas correções.

\*\*\*

Ressaltamos, por fim, que o **Projeto Livro Livre** não se limita a simples publicação de textos já disponíveis na Internet, sem quaisquer critérios. Em vez disso, pautamos nosso trabalho no esmero gráfico e ortográfico, na digitalização e atualização de novas obras, na publicação de autores do nosso tempo, na conversão de livros em áudio etc. Buscamos assim popularizar o Livro Digital, tornando-o acessível a qualquer pessoa e sem nenhum custo.

É isso!

**Iba Mendes**

# MÃE

## DRAMA EM QUATRO ATOS



À MINHA MÃE  
E MINHA SENHORA  
D. ANA J. DE ALENCAR

Mãe,

*Em todos os meus livros há uma página que me foi inspirada por ti. É aquela em que fala esse amor sublime que se reparte sem dividir-se e remoja quando todas as afeições caducam.*

*Desta vez não foi uma página, mas o livro todo.*

*Escrevi-o com o pensamento em ti, cheio de tua imagem, bebendo em tua alma perfumes que nos vêm do céu pelos lábios maternos. Se, pois, encontrares aí uma dessas palavras que dizendo nada exprimem tanto, deves sorrir-te; porque foste tu, sem o querer e sem o saber quem me ensinou a compreender essa linguagem.*

*Acharás neste livro uma história simples; simples quanto pode ser.*

*É um coração de mãe como o teu. A diferença está em que a Providência o colocou o mais baixo que era possível na escala social, para que o amor estreme e a abnegação sublime o elevassem tão alto, que ante ele se curvassem a virtude e a inteligência; isto é, quanto se apura de melhor na lia humana.*

*A outra que não a ti causaria reparo que eu fosse procurar a maternidade entre a ignorância e a rudeza do cativo, podendo encontrá-la nas salas trajando sedas. Mas sentes que se há diamante inalterável é o coração materno, que mais brilha quanto mais espessa é a treva. Rainha ou escrava, a mãe é sempre mãe.*

*Tu me deste a vida e a imaginação ardente que faz que eu me veja tantas vezes viver em ti, como vives em mim; embora mil circunstâncias tenham modificado a obra primitiva. Me deste o coração que o mundo não gastou, não; mas cerrou-o tanto e tão forte, que só, como agora, no silêncio da*

*vigília, na solidão da noite, posso abri-lo e vazá-lo nestas páginas que te envio.*

*Recebe, pois, mãe, do filho a quem deste tanto, esta pequena parcela da alma que bafejaste.*

J. DE ALENCAR  
Rio de Janeiro, 1859.

**PERSONAGENS:**

DR. LIMA

JORGE

GOMES

PEIXOTO

VICENTE

ELISA

JOANA

*A cena é no Rio de Janeiro. A época: 1855.*

**ATO I**

*Em casa de Gomes. Sala de visitas.*

**CENA I**

*Elisa e Gomes.*

GOMES

Já estás cosendo, minha filha?

ELISA

Acordei tão cedo... Não tinha que fazer.

GOMES

Por que me ocultas o teu generoso sacrifício? Cuidas que não adivinhei?

ELISA

O que, meu pai?... Que fiz eu?...

GOMES

São as tuas costuras que têm suprido esta semana as nossas despesas. Conheceste que eu não tinha dinheiro para os gastos da casa e não me pediste... trabalhaste!

ELISA

Não era a minha obrigação, meu pai?

GOMES

Oh! E preciso que isto tenha um termo!

ELISA

Também hoje é 3 do mês... vossa mercê receberá o seu ordenado.

GOMES

Meu ordenado?... Já o recebi.

ELISA

Ah! Precisou dele para pagar a casa?

GOMES

Depois que morreu tua mãe, Elisa, tenho sofrido muito. Além dessa perda irreparável, as despesas da moléstia me atrasaram de modo, que não sei quando poderei pagar as dívidas que pesam sobre mim.

ELISA

E são muitas?

GOMES

Nem eu sei... Já perdi a cabeça! Mas isto vai acabar... Não é possível viver assim.

ELISA

Que diz, meu pai!

GOMES

Perdoa, Elisa. Foi um grito de desespero... Às vezes, confesso-te, tenho medo de enlouquecer! Até logo.

**CENA II**  
*Elisa e Joana.*

JOANA  
Bom dia, Iaiá.

ELISA  
Adeus, Joana.

JOANA  
Iaiá está boa?

ELISA  
Boa, obrigada.

JOANA  
Senhor Gomes já foi para a repartição...

ELISA  
Saiu agora mesmo.

JOANA  
Encontrei ele na escada. Hoje não é dia de lição de nhonhô Jorge?

ELISA  
Segunda-feira... É, e ainda nem tive tempo de passar os olhos por ela.

JOANA  
Então como há de ser?

ELISA  
Estou acabando esta costura. Já vou estudar.

JOANA  
Pois enquanto Iaiá cose, eu vou arrumando a sala: pode vir gente.

ELISA



Mas, Joana... Teu senhor não há de gostar disto!

JOANA

De que, Iaiá?

ELISA

Tu nos serves, como se fosses nossa escrava. Todas as manhãs vens arranjar-nos a casa. Varres tudo, espanas os trastes, lavas a louça e até cozinhas o nosso jantar.

JOANA

Ora, Iaiá! que me custa a fazer isso?... Nhonhô sai muito cedinho, logo às 7 horas; eu endireito tudo lá por cima, num momento, porque também tem pouco que fazer; e depois venho ajudar a Iaiá que se mata com tanto trabalho.

ELISA

E o Sr. Jorge sabe disto?

JOANA

Que tem que saiba?... Não é nada de mal!

ELISA

Muitos senhores não gostam que seus escravos sirvam a pessoas estranhas.

JOANA

Iaiá não é nenhuma pessoa estranha... Depois, vossa mercê não conhece meu nhonhô? Não sabe como ele é bom?...

ELISA

Oh! sei!... Há um ano que é nosso vizinho, e nesse pouco tempo quanto lhe devemos!

JOANA

Mas Iaiá é uma moça bonita!... E eu que sou sua mulata velha... desde que nhonhô Jorge nasceu que o sirvo, e nunca brigou comigo! Se ele não sabe ralhar... Olhe, Iaiá! Todas as festas me dá um vestido bonito... E não dá mais porque é pobre!

ELISA

Foste tu que o criaste?

JOANA

Foi, Iaiá. Nunca mamou outro leite senão o meu...

ELISA

E por que ele não te chama mamãe Joana?

JOANA

Mamãe!... Não diga isto, Iaiá!

ELISA

De que te espantas? Uma coisa tão natural!

JOANA

Nhonhô não deve me chamar assim!... Eu sou escrava, e ele é meu senhor.

ELISA

Mas é teu filho de leite.

JOANA

Meu filho morreu!

ELISA

Ah! Agora compreendo!... Esse nome de mãe te lembra a perda que sofreste!... Perdoa, Joana.

JOANA

Não tem de que, Iaiá. Mas Joana lhe pede... Se não quer ver ela triste, não fale mais nisto.

ELISA

Eu te prometo.

JOANA

Obrigada, Iaiá.

*(Pausa)*

ELISA

Devem ser perto de nove horas... O Sr. Jorge não tarda.

JOANA

É mesmo!... Ele que vem sempre à hora certa.

ELISA

Nem tenho vontade de estudar.

JOANA

Estão batendo.

### CENA III

*Elisa, Joana e Peixoto.*

PEIXOTO

Viva, minha senhora! O Sr. Gomes?

ELISA

Há pouco saiu.

PEIXOTO

Já saiu! Tão cedo!... Ainda não são nove horas.

JOANA

Meu senhor, ele teve que fazer.

PEIXOTO

Nem de propósito! Sempre que o procuro, o Sr. Gomes não está em casa.

ELISA

O senhor não quer sentar-se?

PEIXOTO

Obrigado; tenho pressa.

ELISA

Por que não o procura na repartição?

PEIXOTO

Não estou para isso. Queria dizer-lhe que o Peixoto aqui veio e voltará dentro de meia hora.

ELISA

Sim, senhor.

PEIXOTO

Sem mais!

#### CENA IV

*Joana e Elisa.*

JOANA

Cruzes!... Que homem grosseiro, minha Virgem Santíssima!... Um senhor assim era um purgatório.

ELISA

Coitado! A culpa não é dele!

JOANA

De quem é então?

ELISA

Dos pais, que não lhe souberam dar educação.

JOANA

Que bom coração tem Iaiá!... Desculpa tudo.

ELISA

Para que me desculpem também os meus defeitos, Joana.

JOANA

É o que Iaiá não tem. Oh! Joana sabe conhecer gente! E então Iaiá que está mesmo mostrando o que é, nesse rostinho de prata!

ELISA

Deixa-te disso, Joana.

JOANA

Ah! se Iaiá soubesse como eu lhe quero bem!...

ELISA

Assim te pudesse eu agradecer como desejava!

JOANA

Inda mais, Iaiá?

ELISA

Estás brincando!... Nunca te dei nada.

JOANA

Então Iaiá!... Cuida que é pouco ver meu nhonhô feliz?

ELISA Joana!...

JOANA

Não se zangue, não, Iaiá, com sua mulata velha.

ELISA

Para que falas dessas coisas? Não gosto.

JOANA

Está bom! Eu calo a boca. Então ele não merece?

ELISA

Merece muito mais; porém...

JOANA

Ora, Iaiá!... Não disfarce!...

ELISA

Outra vez?

JOANA

Eu só peço uma coisa. Nosso Senhor não me mate sem que eu veja isso. Há de ser uma festa!...

ELISA

Queres que eu me agaste deveras, hein?

JOANA

Não, Iaiá, não! Mas que noivo bonito, e a noiva, hi!... Feitinhos um para o outro!

ELISA

Eu te peço, Joana...

JOANA

Nesse dia... Olhe, Iaiá! Hei de pôr meu cabeção novo, como as mulatinhas da Bahia... Que pensa! Não faça pouco na sua escrava, Iaiá! Joana também já foi moça... sabia riçar o pixaim e bater com o tacão da chinelinha na calçada; só – taco, taco, tataco! Oh! hei de me lembrar do meu tempo... Se eu já estou chorando de contente!... E meu nhonhô como não há de ficar alegre!

ELISA

Não gosto destas graças, já te disse.

JOANA

Que mal faz? É uma coisa que há de acontecer.

ELISA

Estás bem livre!

JOANA

Se Iaiá não pagasse a meu nhonhô todo o bem que lhe quer...

ELISA

Que farias?

JOANA

Eu, Iaiá?... Nada! Que pode fazer uma escrava?... Mas Iaiá era ingrata!

ELISA

Pois serei.

JOANA

Iaiá jura?... Não é capaz!... Nem que esse coração não estivesse aí saltando!

ELISA

Se continuas... Vou-me embora!

*(Batem)*

JOANA

Querem ver que é nhonhô!

ELISA

Bico!... Ouviste?

JOANA

Joana sabe guardar um segredo, Iaiá.

## CENA V

*As mesmas e Jorge.*

JORGE

Como passou, D. Elisa?... Ah! Joana está lhe fazendo companhia!

ELISA

Veio conversar comigo.

JORGE

Quando precise de mandar por ela fazer alguma coisa, não tenha acanhamento, D. Elisa.

ELISA

Já lhe sou tão obrigada, Sr. Jorge!

JOANA

Eu não lhe disse, Iaiá?

JORGE

O quê?

JOANA

Não vê, nhonhô, que estes dias, desde que o escravo do Sr. Gomes foi doente para a Misericórdia, eu venho fazer algum serviço, pouco...

JORGE

Tu és sempre boa, Joana!

JOANA

Não digas isso, nhonhô!

JORGE

Digo, sim! – D. Elisa, creio que minha mãe, a quem não conheci, não me teria mais amor do que esta segunda mãe, que me criou.

JOANA

Hô gente, nhonhô! Isso são modos de tratar sua escrava.

ELISA

O senhor tem razão, Sr. Jorge.

JOANA

Não tem! Não tem!

ELISA

Basta ouvi-la falar do senhor.

JORGE

Ah! Ela falou-lhe de mim?... Que disse?...

JOANA

Nada, nhonhô.

ELISA

Em outras palavras, o que o senhor acaba de repetir.

JOANA



Iaiá... Eu disse que queria bem a meu senhor, como uma escrava pode querer... só!

JORGE

Como uma escrava!... Sentes ser cativa, não é?

JOANA

Eu!... Não, nhonhô! Joana é mais feliz em servir seu senhor, do que se estivesse forra.

JORGE

Bem sabes! Hoje é o dia de meus anos. Tenho um presente para ti.

JOANA

Nhonhô já me deu um este mês.

JORGE

Não faz mal. Pudesse eu dar-te quantos desejo. Vamos à nossa lição, D. Elisa?

ELISA

Quando o senhor quiser.

JOANA

E eu vou cuidar da minha cozinha.

## CENA VI

*Jorge e Elisa.*

JORGE

Acho-a triste hoje.

ELISA

É engano seu. Nunca fui alegre.

JORGE

Perdão! Quando a conheci, a senhora tinha mais vivacidade do que tem hoje. Também não se diverte, não passeia.

ELISA

Sou pouco amiga de passear.

JORGE

Mas é necessário ter uma distração.

ELISA

Tinha uma de que muito gostava.

JORGE

Qual?

ELISA

A música, mas...

JORGE

Mas também enfastia. Não é?

ELISA

A mim, nunca.

JORGE

Pois está em suas mãos cultivá-la.

ELISA

Se estivesse!...

JORGE

Não a compreendo.

ELISA

Escute, Sr. Jorge. Há dias que tenciono dizer-lhe... porém falta-me o ânimo.

JORGE

O quê?... Diga, D. Elisa.

ELISA

Não posso continuar com as lições.

JORGE

Ah!... Tem outro mestre?

ELISA

Não seja injusto! Que melhor mestre podia achar do que O senhor?  
Eu é que não quero mais estudar.

JORGE

Por que, minha senhora?

ELISA

Não lhe posso dizer.

JORGE

Desculpe, se cometi uma indiscrição.

ELISA

Nenhuma... E demais, é preciso que o senhor saiba... Meu pai não pode... pagar-lhe...

JORGE

A senhora me ofende, D. Elisa!... Exigi alguma coisa?

ELISA

Oh! não!... E é por isso que lho disse... Já lhe devemos seis meses.

JORGE

Não fale nisto! Nunca foi minha intenção receber paga de tão pequeno serviço. Ao contrário, tinha-me por feliz em poder prestá-lo.

ELISA

Mas eu é que não devo.

JORGE

Por que me recusaria isto? Assim, fique tranquila. Continuaremos com as nossas lições.

ELISA

Como?... Não tenho piano.

JORGE  
E este?

ELISA  
Meu pai quer vendê-lo... Precisa...

JORGE  
É só esse o motivo?... Eu lhe emprestarei o meu. Nunca toco.

ELISA  
Ainda quando aceitasse, o que não devia, o seu delicado oferecimento, Sr. Jorge, era impossível continuar.

JORGE  
Entendo D. Elisa. A senhora procura um pretexto para despedir-me; e eu estou torturando-a com a minha insistência.

ELISA  
Senhor Jorge!...

JORGE  
Desculpe. Se tivesse percebido, há muito que me teria retirado.

ELISA  
Meu Deus! Não me obrigue a confessar-lhe tudo!

JORGE  
Adeus, minha senhora!

ELISA  
Mas, Sr. Jorge...

JORGE  
Tenho a consciência de que nunca lhe faltei ao respeito que devia...

ELISA  
Pois bem... O senhor quer. Eu preciso trabalhar!... Preciso ganhar para viver!

JORGE  
A senhora, D. Elisa?

ELISA  
Bem vê que não tenho nem tempo, nem vontade para estudar!

JORGE  
Perdoe-me! Estava tão longe de suspeitar!

ELISA  
Ainda supõe que seja um pretexto?

JORGE  
Esqueça o que lhe disse.

ELISA  
Só me lembro do que lhe devemos. (*Pausa*)

JORGE  
Ouça-me, D. Elisa, e sirvam-me as suas lágrimas de testemunhas perante Deus. Há muito tempo que trabalho para conseguir uma posição digna de lhe ser oferecida. Quer dar-me o direito de partilhar a sua sorte?... Responda-me! Eu lhe suplico!

ELISA  
Não!... Não posso responder-lhe!... Nem aceitar.

JORGE  
Porque é pobre?... Também eu o sou! Seremos dois a lutar.

ELISA  
Meu pai... lhe dirá... Eu não!

JORGE  
Era minha intenção falar-lhe; mas antes quero o seu consentimento. Recusa-me?

ELISA  
Não sei!

JORGE  
Elisa!...

ELISA  
Fale!...

JORGE  
Obrigado, minha mulher!...

ELISA  
Não me chame assim!

JORGE  
Esse título me impõe o dever de fazer a sua felicidade, e me dá o direito de velar sobre a sua existência.

ELISA  
Se meu pai não se opuser.

JORGE  
Ainda quando ele se oponha, Elisa. Não contrariaremos a sua vontade, não esqueceremos os nossos deveres; mas a aliança pura de duas almas que se compreendem tem a sua religião.

ELISA  
É meu pai!

JORGE  
Vem a propósito.

ELISA  
Mas não lhe fale agora, não.

**CENA VII**  
*Os mesmos e Gomes.*

JORGE  
Bom dia, Sr. Gomes!...

GOMES

Ah!... Como passou, Sr. Jorge?... Desculpe!... Não tinha visto. (*Senta-se distante*)

JORGE

Permite que continuemos?

GOMES

Pois não!

JORGE (*a Elisa*)

Não quer dar a sua lição?

ELISA (*a meia voz*)

Não posso cantar agora!... Não vê como estou toda trêmula!

JORGE

Pois toque um pouco.

GOMES (*sentindo a falta do relógio*)

Ah!... Que horas são?... Deixei o meu relógio a consertar.

JORGE

Nove e vinte.

GOMES

Já?... Não chega!... Que martírio!...

ELISA

Que tem, meu pai?

GOMES

Nada! Deixa-me! Estou aflito!... Espero uma resposta.

ELISA

Vossa mercê está tão descorado!

GOMES

É o calor... O cansaço, talvez! Não te inquietes.

JORGE (*a Elisa*)

Seu pai está incomodado. Naturalmente deseja ficar só. Até logo.

ELISA

Sim! Até logo.

JORGE

Não se esqueça que me deu o direito de viver para a sua felicidade.

ELISA

É coisa que se esqueça nunca?

JORGE

Se houver alguma novidade, mande-me chamar.

ELISA

Imediatamente.

JORGE

Senhor Gomes!...

GOMES

Já vai?

JORGE

Quando poderei falar-lhe hoje, que menos o incomode?

GOMES

À tarde... ou à noite.

JORGE

Eu passarei à noite. (*Volta*) Uma carta que acabam de entregar.

GOMES

Ah!...

**CENA VIII**  
*Gomes e Elisa.*



GOMES (*lendo*)

"Sinto muito... porém... as minhas circunstâncias..." É o que todos respondem!... Infames! Não se lembram que se hoje lhes peço as migalhas, já lhes dei a abastança.

ELISA

Que diz essa carta que o agonia tanto, meu pai?

GOMES

O que há de ser, minha filha?!... Mais um ingrato a quem estendo a mão e que me repele com o pé.

ELISA

Não lhes peça nada!... Olhe: o nosso trabalho bastará para vivermos! Guarde o seu ordenado para pagar casa e vestirmos. Eu não preciso de nada. Das minhas costuras tirarei o necessário para os gastos diários.

GOMES

Não te iludas, Elisa! Podes te matar, mas não farás impossíveis.

ELISA

Há de ver.

## CENA IX

*Os mesmos e Vicente.*

VICENTE

O Sr. Gomes, empregado público...

GOMES

Que deseja?

VICENTE

É Vossa Senhoria?

GOMES

Um seu criado.

VICENTE

Então permita... Cito-o pela petição supra e seu despacho, do teor seguinte: "Ilmo. Sr. Dr. Juiz Municipal da 3ª Vara. Diz..."

GOMES

Peço-lhe que me dispense dessa formalidade.

VICENTE

Prescinde da leitura, neste caso?

GOMES

Sei de que se trata. É do meu senhorio?

VICENTE

Justamente! Mandado de despejo, dentro de 24 horas, por não pagamento de aluguéis.

ELISA

Meu Deus!

GOMES

Estou ciente, senhor.

ELISA

Mas então, meu pai?

GOMES

Tudo nos persegue, minha filha.

VICENTE

Vossa Senhoria tem à mão papel e tinta para passar a contrafé... senão dou um pulo à venda defronte.

ELISA

Aqui tem, senhor.

VICENTE

Qualquer pena serve.

ELISA

O senhor não poderá fazer alguma coisa a favor de meu pai?

VICENTE

Sou suspeito, Sra. Dona... Oficial do juízo!

ELISA

Então amanhã vêm deitar-nos fora de casa?

VICENTE

Qual!... O senhor seu pai não tem advogado? É pedir vista... embargos... agravo... Lá o doutor sabe bem disso! Tem chicana para um ano!

ELISA

Ouve, meu pai? - Ainda há remédio.

GOMES

Se eu tivesse dinheiro para pagar a advogados... Mas nesse caso pagaria antes ao meu credor, cuja dívida é justa.

VICENTE

É Vossa Senhoria o primeiro réu que o confessa!

## CENA X

*Os mesmos e Peixoto.*

PEIXOTO

Com licença!

GOMES

Quem é?

ELISA

Ah! É o senhor que há pouco o procurou, meu pai.

PEIXOTO

Finalmente achei-o em casa.

GOMES

Senhor Peixoto, não me nego a pessoa alguma.

PEIXOTO

Não digo o contrário mas é difícil de o encontrar.

VICENTE

Vossa Senhoria paga a contrafé?

ELISA

Quanto é?

GOMES

Não tenho com que pagar, senhor.

VICENTE

Bem. É só para declarar.

PEIXOTO

Hum!... Já lhe anda esta gente por casa... Mau sinal!

VICENTE

Viva, Sr. Peixoto! (*A Gomes*) Aqui tem!

GOMES

Não preciso deste papel.

VICENTE

Em todo o caso aí fica. As ordens! Queira desculpar!

PEIXOTO (*a meia voz*)

Que foi isso?

VICENTE (*idem*)

Despejo!

PEIXOTO

Mau!

GOMES

Elisa, vai para dentro. Deixa-me conversar com o senhor.

**CENA XI**  
*Gomes e Peixoto.*

PEIXOTO  
Sabe o que me traz aqui?

GOMES  
Sim, senhor. Não lhe posso pagar.

PEIXOTO  
Essa é boa! Por quê?

GOMES  
Porque não tenho dinheiro.

PEIXOTO  
Veremos.

GOMES  
Enquanto conservei uma esperança, pedi-lhe que tivesse paciência.  
Hoje nada espero; nada peço.

PEIXOTO  
Que fez do ordenado?

GOMES  
Descontei-o seis meses adiantados para viver.

PEIXOTO  
A sua mobília?

GOMES  
Já não é minha. A pessoa que a comprou deixou-me alugada; e como não lhe tenho pago os aluguéis, vem buscá-la amanhã.

PEIXOTO  
E os escravos que possuía?

GOMES

O último saiu desta casa sob o pretexto de ir para a Misericórdia, a fim de que minha filha ignorasse... Foi penhorado!

PEIXOTO

Mas há pouco, vi aqui uma mulata.

GOMES

Era talvez a escrava do meu vizinho do segundo andar.

PEIXOTO

Ah! É verdade. Conheço-a! Do Sr. Jorge?

GOMES

Sim, senhor.

PEIXOTO

Assim, nada lhe resta?

GOMES

Nada absolutamente! Estou na miséria!

PEIXOTO

Pois não sei como há de ser. Não estou disposto a perder o meu dinheiro.

GOMES

Se eu pudesse vender-me para pagar-lhe, creia que não hesitaria. Não posso. Que hei de fazer?

PEIXOTO

O senhor não sabe?

GOMES

Sei!...

PEIXOTO

É arranjar dinheiro, se não quer ir parar à cadeia.

GOMES

O senhor insulta-me!

PEIXOTO

Se acha que isto é um insulto, nesse caso é a lei, não sou eu quem o insulta.

GOMES

Cometi algum crime?... É culpa minha se não tenho com que pagar-lhe?

PEIXOTO

Se fosse só isso!

GOMES

Explique-se!

PEIXOTO

É muito simples. O senhor negociou comigo uma letra de quinhentos mil-réis. Tinha o seu aceite; mas estava sacada e endossada pelo Sr. Francisco de Faria, negociante desta praça.

GOMES

O senhor deu-me por ela quatrocentos mil-réis, dos quais ainda tive de pagar cinquenta ao Sr. Faria.

PEIXOTO

Esta não é a questão. O saque e o endosso são falsos.

GOMES

Falsos!...

PEIXOTO

Faria nunca sacou letras.

GOMES

Mas então quem era a pessoa com quem tratei?

PEIXOTO

É coisa que não me interessa. O senhor responderá à polícia.

GOMES

A polícia?... Eu!

PEIXOTO

Está bem visto!... A letra foi negociada com o senhor. Tenho testemunhas. Que me importa essa pessoa?

GOMES

Mas, senhor, não é possível!... Não se condena assim um homem que não tem notas na sua vida.

PEIXOTO

Senhor Gomes, acabemos com isto!... Não lhe quero fazer mal; porém, se às cinco horas da tarde o senhor não tiver o dinheiro para pagar-me, às seis apresento a letra na polícia.

GOMES

Dê-me tempo ao menos para procurar o homem com quem tratei.

PEIXOTO

E o senhor tratou com alguém?

GOMES

Infame!... Duvida de minha palavra!

PEIXOTO

Ah! Quer brigar? Não estou disposto. Até às cinco horas.

GOMES

Meu Deus! Condenado como um falsário!... Não! Já resisti por muito tempo!

**CENA XII**  
*Gomes e Elisa.*

ELISA

Meu pai!...

GOMES



Tu ouviste, minha filha?

ELISA

Ouvi tudo.

GOMES

Pois então ouve o resto.

ELISA

Sossegue primeiro.

GOMES

Não há sossego nestes transe. Acabas de saber que estamos na miséria; nada temos, nada devemos esperar. Mas isto não era bastante; aí vem a desonra coroar a miséria.

ELISA

Mas o que disse aquele homem é uma mentira, não é?

GOMES

Tu duvidaste um momento da probidade de teu pai?

ELISA

Oh! Não, não!

GOMES

Se eu quisesse, já não digo roubar, mas transigir com a minha consciência, os que agora nos desprezam, aí estariam ainda nos importunando com a sua amizade fingida e hipócrita.

ELISA

Não se defenda, meu pai. Eu creio na sua honra, como creio em Deus. Se lho perguntei é porque desejava ouvir de sua boca o desmentido de semelhante calúnia.

*(Pausa)*

GOMES

Elisa, minha filha!... Este último golpe é mais forte que minha razão. Muitas vezes já a minha coragem vacilou encarando a miséria: um

projeto louco me passou pelo espírito, e estive bem prestes a realizar-se. Resisti, lembrando-me de ti. À vergonha, à infâmia, minha filha, não posso... não sei resistir!

ELISA

Não pense nisto, meu pai.

GOMES

Quando não se pode viver honrado, morre-se.

ELISA

Quer-se matar!

GOMES

Isto é vida?

ELISA

Meu Deus!... Por piedade!

GOMES

É necessário!

ELISA

E eu, e sua filha? Deixa-a ao desamparo?

GOMES

Preferes que a arraste à vergonha?... Não sentes que vais perder teu pai?... Escolhe! Vê-lo infame nas galés, ou chorá-lo morto, porém honrado.

ELISA

Mas ainda pode salvar-se!... Não há de ser condenado, não!

GOMES

Refleti, Elisa. Que defesa tenho eu?... A minha palavra. E isto basta? Sem dinheiro, sem amigos?... Só me resta uma esperança; e é que esse homem não cumpra o que disse. Mas essa... não acredito nela.

ELISA

Por quê?... Esse homem deve ter um coração! Eu lhe suplicarei de joelhos.

GOMES

Tu sabes se te quero, Elisa, e com que extremos te amo. A única dor que levo desta vida é deixar-te!... Uma menina de 18 anos, sem pai, sem mãe, ao desamparo, é um anjo perdido neste mundo torpe. Toda a sua virtude não basta às vezes para defendê-la. Sucumbe à necessidade implacável...

ELISA

E quer me abandonar!

GOMES

Sou eu que te abandono, Elisa, ou é a fatalidade que me arranca de teus braços?

ELISA

Deus se há de condoer de nós!

GOMES

Se te sentes com força de lutar, minha filha, talvez a felicidade te depare um homem que te ame, e proteja a tua orfandade.

ELISA

E por que não nos protegerá a ambos?

GOMES

Eu já não preciso senão do perdão do Senhor e do teu. Se, porém, te sentes fraca... Não te aconselho... Não digo que o faças... Segue o impulso de tua alma...

ELISA

Acabe, meu pai!

GOMES

O que ficar deste vidro...

ELISA

Ah!

GOMES

É a única herança de teu pai, Elisa.

ELISA

Oh! Sim! Morremos juntos!

GOMES

Não! Foi uma loucura!... Esquece o que te disse! Tu ainda podes ser feliz, minha filha!...

## ATO II

*Em casa de Jorge. Sala simples, mas elegante.*

### CENA I

*Joana e Vicente.*

VICENTE

Como vai isto por cá?

JOANA

Oh! Bilro!... Vamos indo, como Deus é servido!

VICENTE

Há saúde e patacos, é o que se quer.

JOANA

Saúde não falta, não, Bilro! No mais vai-se vivendo, como se pode.

VICENTE

Olhe, Sra. Joana... Há muito que estou para lhe pedir uma coisa.

JOANA

Senhora Joana!... Estás doido, Bilro?

VICENTE

Não, mas é que... Sim... Bem vê que tenho hoje uma posição... E este modo de chamar a gente de Bilro...

JOANA (*rindo*)

Ah! ah! ah!... Então porque és pedestre, ou meirinho... Não sei o quê!

VICENTE

Menos isso!... Oficial de justiça!

JOANA

Pois que seja... Oficial da justiça, ou da injustiça... Porque és isto, julgas que ficas desonrado se eu te chamar de Bilro?... Ora, não vejam só este meu senhor! Que figurão!... Vossa Senhoria faz obséquio... ou Vossa excelência?... Queira ter a bondade... Por quem é... Sr. Vicente...

VICENTE

Romão... Romão...

JOANA

Senhor Vicente Romão. Queira desculpar!... sem mais aquela.

VICENTE

Está zombando.

JOANA

Não é assim que deve tratá-lo?

VICENTE

Toma o recado na escada... Eu por mim não me importava; mas falam.

JOANA

Pois olha! Cá comigo está se ninando!... Eu te conheci assim tamaninho, já era rapariga, mucama de minha senhora moça, que Deus tem, e foi sempre Bilro para lá, tia Joana para cá. Se quiseres há de ser o mesmo... senão, passar bem. Ninguém há de morrer por isso.

VICENTE

Mas, Joana...

JOANA  
Tia Joana!

VICENTE  
Está bom, para fazer-lhe a vontade... Tia Joana! Não era melhor que a gente se tratasse como os outros?...

JOANA  
Não sei se é melhor, se não... Quando te vir hei de chimpár-te com o Bilro na venta.

VICENTE  
Não tem graça nenhuma.

JOANA  
Se te parecer, não responde: é o mesmo.

VICENTE  
Em teima ninguém lhe ganha!... Não vê que é preciso a gente dar-se a respeito.

JOANA  
Dá-te a respeito lá com as outras. Comigo estás bem aviado.

VICENTE  
Pois é isto que eu quero! Não me entendeu... Diante dos outros a senhora... a tia Joana que lhe custa me chamar de Vicente?

JOANA  
Diante dos outros?... Pois sim! Mas olha que é Vicente só!

VICENTE  
Vicente Romão... É mais cheio.

JOANA  
Uma figa!... Nem Romão, nem senhor! Vicente.

VICENTE  
Enfim! Era melhor o nome todo... Não quer! Que se lhe há de fazer!

JOANA

Então não perguntas por nhonhô Jorge?

VICENTE

La perguntar; mas vosmecê...

JOANA

Vosmecê... Hein... Bilro...

VICENTE

Você me atrapalhou, tia Joana. Como está ele, o Sr. Jorge? Está bom?

JOANA

Bom e crescido que faz gosto... Se tu o vires!

VICENTE

Não há quinze dias que estive com ele.

JOANA

Pois faz sua diferença!... Todos os dias parece que fica mais alto e mais sério... Eu acho ele tão bonito, meu Deus!

VICENTE

Pudera não! Você o criou!

JOANA

E tu não achas?

VICENTE

Eu não! E é preciso que diga.

JOANA

Já lhe saiu todo o buço.

VICENTE

Também ele já anda rastejando pelos vinte e um.

JOANA

Completo hoje, Bilro.

VICENTE

É verdade. – Ora tia Joana! Já estamos ficando velhos. Inda me parece que foi outro dia que você dava de mamar a ele.

JOANA

Como me lembra!... Eu tinha dezessete anos, e tu eras um pirralho de oito. Vinhas bulir com ele no meu colo; e como eras muito travesso, nós te começamos a chamar de Bilro. Nunca estavas quieto!

VICENTE

E aquela vez que um sujeito fez-me por força levar-lhe um recado... Quando a gente é criança faz cada uma!

JOANA

Doeu-te o puxão de orelha que te dei?

VICENTE

Oh! se doeu!... Também nunca mais!

JOANA

E perdias teu tempo!

VICENTE

Lá isso eu sempre disse... Nunca houve mulatinha que se desse mais a respeito do que tia Joana. Pois em casa punham a boca em todos; mas dela não tinham que mexericar.

JOANA

Não fala mais nisso, Bilro. A gente tem vontade de chorar.

VICENTE

É mesmo, tia Joana. Bom tempo! senhor doutor só fazia ralhar. Tirante disso, era bom amo.

JOANA

Tens tido notícias dele?

VICENTE

Depois que foi viajar, nunca mais soube por onde anda.



JOANA

E a comadre Rosa que ele vendeu a um homem da Rua da Alfândega?

VICENTE

Essa morreu... O André está cocheiro na praça.

JOANA

Cada um para sua banda.

VICENTE

Vou indo também para a minha. Adeus, tia Joana.

JOANA

Agora até quando?

VICENTE

Não sei! Hoje como tive que fazer por aqui, então disse cá com os meus botões: - Deixa-me ver a tia Joana. - Já vi... Estão batendo.

JOANA

Vê quem é.

VICENTE

Pode entrar.

## CENA II

*Os mesmos e Dr. Lima.*

DR. LIMA

Ainda se lembram aqui do amigo velho?

JOANA

Ah! Meu senhor Dr. Lima. Há que anos!...

VICENTE

Senhor doutor!...

DR. LIMA

Esqueceste que parti para Europa.

JOANA

Não esqueci, não... meu senhor. Ainda há pouco estava falando nisso.

DR. LIMA

Cheguei hoje pelo paquete. Acabo de desembarcar. Que de Jorge?

JOANA

Saiu. Que alegria ele vai ter!... Mas como meu senhor acertou com a casa?

DR. LIMA

Custou-me!... Já andei por aí à matroca. Na Rua do Conde é que me ensinaram.

VICENTE

O vizinho de defronte?

DR. LIMA

Justamente! Mas eu estou reconhecendo esta figura...

JOANA

O ciganinho, pajem de meu senhor...

DR. LIMA

Ah! O grande Bilro!

VICENTE

Vicente Romão, senhor doutor.

DR. LIMA

Como vais?... Que fazes?... Estás mais bem comportado?

JOANA

É oficial de justiça.

DR. LIMA

Escolheste um bom emprego, Bilro.

VICENTE

Vicente Romão, senhor doutor. Mas então Vossa Senhoria acha?

DR. LIMA

O que, homem?...

VICENTE

Bom o meu emprego?

DR. LIMA

Decerto! Precisavas viver bem com a justiça.

VICENTE

Peço vista para embargos, senhor doutor; não tenho culpas no cartório.

DR. LIMA

Bem mostras que és do ofício!

VICENTE (*à Joana*)

É preciso perder esse mau costume de chamar a gente de ciganinho. Ouvia?!

JOANA

Ai!... Começas outra vez com as tuas empáfias.

VICENTE

Que embirrância!...

DR. LIMA

Que é isso lá? Assim é que festejam a minha chegada?

JOANA

É Bilro que...

VICENTE

Não é nada, senhor doutor; vossa senhoria me dê as suas ordens.

DR. LIMA

Vai me ver. Estou no Hotel da Europa.

VICENTE

Obrigado, senhor doutor. Até mais ver, tia Joana.

### CENA III

*Dr. Lima e Joana.*

JOANA

Meu senhor não quer descansar?...

DR. LIMA

Recosto-me aqui mesmo, neste sofá.

JOANA

Já almoçou, meu senhor? Aí tem café e leite.

DR. LIMA

Ainda conservo os meus antigos hábitos. Às oito horas já estava almoçado.

JOANA

Quem sabe se meu senhor não quer tomar o seu banho?

DR. LIMA

Não! Vem cá. Senta-te aí.

JOANA

Eu converso mesmo de pé com meu senhor.

DR. LIMA

Como vai teu filho?... Já está um homem?

JOANA

Meu senhor!... Eu lhe peço de joelhos... Não diga este nome!

DR. LIMA

Pelo que vejo o mistério dura ainda!

JOANA

E há de durar sempre! Meu senhor me prometeu.

DR. LIMA

Prometi.

JOANA

Meu senhor jurou!

DR. LIMA

É verdade! Mas julgava que na minha ausência tudo se havia de se revelar.

JOANA

Ele não sabe nada, e eu peço todos os dias a Deus que não lhe deixe nem suspeitar.

DR. LIMA

Assim tu ainda passas por sua escrava?

JOANA

Não passo, não! Sou escrava dele.

DR. LIMA

Mas Joana! Isto não é possível!

JOANA

Meu senhor... Eu já lhe disse!... E não cuide que por ter esta cor não hei de cumprir... No dia em que ele souber que eu sou... que eu sou... Nesse dia Joana vai rezar ao céu por seu nhonhô.

DR. LIMA

E por que razão hás de fazer uma tal loucura?

JOANA

Por quê?... Desde que nasceu ainda está para ser a primeira vez que se zangue comigo. E vosmecê quer que se envergonhe... Que me aborreça talvez!... Meu Deus! Matai-me antes que eu veja essa desgraça!

DR. LIMA  
És tu a culpada?

JOANA  
Não sei, meu senhor, não sei. Às vezes penso... Quando fazem vinte e um anos eu senti o primeiro movimento dele... de meu...

DR. LIMA  
De teu filho. Fala! Que receio é esse?... Estamos sós.

JOANA  
Vosmecê não sabe que medo tenho de dizer este nome!... Até à noite quando rezo por ele baixinho... não me atrevo... Ele pode ouvir... Eu posso me acostumar...

DR. LIMA  
Mas dizias?

JOANA  
Ah! Quando senti o primeiro movimento que ele fez no meu seio, tive uma alegria grande, como nunca pensei que uma escrava pudesse ter. Depois uma dor que só tornarei a ter se ele souber. Pois meu filho havia de ser escravo como eu? Eu havia de lhe dar a vida para que um dia quisesse mal à sua mãe? Deu-me vontade de morrer para que ele não nascesse... Mas isso era possível?... Não, Joana devia viver!

DR. LIMA  
Foi então que Soares te comprou...

JOANA  
Ele me queria tanto bem! Deu por mim tudo quanto tinha... Dois contos de réis! Eu fui para sua casa. Aí meu nhonhô nasceu, e foi logo batizado como filho dele, sem que ninguém soubesse quem era sua mãe.

DR. LIMA  
Desgraçadamente morreu poucos dias depois... Se eu soubesse então!...

JOANA

Mas meu senhor não sabia nada. Fui eu que lhe confessei...

DR. LIMA

Porque já tinha suspeitado...

JOANA

E por isso só. Vosmecê era capaz de afirmar? Não! Quem lhe contou fui eu, com a condição de não dizer nunca!...

DR. LIMA

Pois bem, Joana! Não direi uma palavra. Continuarás a ser escrava de teu filho. Será para ele a dor mais cruel quando souber...

JOANA

Nunca!... Quem vai lhe dizer?... Além de vosmecê e de mim, só Deus sabe este segredo. Enquanto meu senhor estava fora eu vivia descansada...

DR. LIMA

E tinhas razão... Presente, vendo-te ao lado de Jorge, não respondo por mim.

JOANA

Meu senhor, vosmecê teve sua mãe... Lembre-se que dor a pobre havia de sentir se seu filho tivesse vergonha dela!... Não o faça desgraçado! E por causa de quem?... De mim que morreria por ele.

DR. LIMA

Bem; prometo-lhe que hei de ter coragem! Virei raras vezes aqui. Evitarei o mais que puder... com receio de me trair.

JOANA

É melhor. Até vosmecê se habituar.

DR. LIMA

Nunca me habituarei!... Tu não sabes como eu te admiro, Joana; e como dói-me no coração ver esse martírio sublime a que te condenas.

JOANA

Eu vivo tão feliz, meu senhor!

DR. LIMA

Mas que necessidade tinhas de ser escrava ainda? Não podias estar forra?

JOANA

Eu, meu senhor?... Como?

DR. LIMA

Com o dinheiro que tiravas do teu trabalho, e gastavas na educação de teu filho.

JOANA

Nunca pensei nisso, meu senhor!... Demais, forra, podiam-me deitar fora de casa, e eu não estaria mais junto dele. A escrava não se despede.

DR. LIMA

Mas... Estremeço só com esta ideia!

JOANA

Qual, meu senhor?

DR. LIMA

Supõe que... te vendiam.

JOANA

Joana morreria; porém ao menos deixaria a ele aquilo que custasse... sempre era alguma coisa... Para um moço pobre!

DR. LIMA

E eu hei de estar condenado a ouvir Jorge agradecer-me a sua educação que ele deve unicamente a ti; a chamar-me seu segundo pai, ignorando que sua...

JOANA

Mais baixo!... Não se zangue, meu senhor!



DR. LIMA

Sabes que mais! Vou-me embora. Voltarei logo para abraçar Jorge, e não pisarei mais aqui. É uma tortura!

JOANA

Adeus, meu senhor! Não se agaste comigo.

DR. LIMA

Não. Quem sabe se tu não tens razão!

JOANA

Deus dê muita felicidade a meu senhor Dr. Lima.

*(Abre a porta)*

#### CENA IV

*Os mesmos e Jorge.*

JOANA

Ah!

DR. LIMA

É ele?

JOANA

Nhonhô não conhece, não!... Sr. Dr. Lima!

DR. LIMA

Jorge!

JORGE

Ah! doutor! Quando chegou?

DR. LIMA

Hoje mesmo. É a minha primeira visita.

JORGE

E devia ser pelo bem que lhe queremos, eu e Joana. Venha sentar-se.

DR. LIMA

Está um homem!

JOANA

Não é, meu senhor doutor?... E um moço bonito! Hi! Faz andar à roda a cabecinha dessas moças todas.

JORGE

Se lhe der ouvidos, doutor, é um não acabar de elogios!... Mas há cinco anos que está ausente!

JOANA

Há de fazer pela Páscoa.

DR. LIMA

É verdade. Deixei-o quase criança... Tinha dezesseis anos. Acabou os seus estudos naturalmente!

JORGE

Ainda não.

JOANA

É o melhor estudante. Não sou eu que digo!... São os mestres dele.

DR. LIMA

Sempre foi... Que profissão escolheu?

JORGE

Segui o seu conselho... Estudo medicina; estou no 5o ano.

DR. LIMA

E de fortuna... Como vamos?

JORGE

O necessário. As minhas lições...

DR. LIMA

Ah! Dá lições? De quê?

JORGE  
De música e de francês.

DR. LIMA  
Lembro-me que tinha muita disposição para o piano. Cultivou essa arte?

JOANA  
Toca que faz gosto!... Vosmecê há de ouvir.

DR. LIMA  
Sem dúvida. E quanto lhe rendem as lições?

JORGE  
Uns cem mil-réis por mês.

DR. LIMA  
É pouco.

JORGE  
Faço também algumas traduções que deixam às vezes um extraordinário. Joana por seu lado ganha...

JOANA  
Quase nada, nhonhô! Já estou velha. Não coso mais de noite.

JORGE  
Nem eu quero. Foi de passares as noites sobre costura que ias perdendo a vista.

DR. LIMA  
Faz bem em tratá-la com amizade, Jorge. É uma boa...

JOANA  
Sou uma escrava como as outras.

JORGE  
És uma amiga como poucas se encontram.

JOANA

Ora, nhonhô!...

JORGE

Sabe, doutor! Creio que foi Deus que o enviou a esta casa.

DR.

LIMA

Por que razão, Jorge?

JORGE

Eu lhe digo... Vem cá, Joana!... Mais perto!... Quero contar-te uma história.

JOANA

Mas... Eu vou dar uma vista d'olhos lá dentro.

JORGE

Espera. (*Toma-lhe a mão*)

JOANA

Que é isso, nhonhô? Já se viu... Que modos?

JORGE

Olhe, doutor! Estou no meio de minha família. Meu segundo pai, minha segunda mãe! Não conheci os outros.

DR. LIMA

Jorge, meu amigo!

JOANA

Para que falar nestas coisas num dia de se estar alegre... Meu senhor doutor chegou... Nhonhô faz anos.

DR. LIMA

É verdade!... É hoje 3 de fevereiro...

JORGE

Escolhi justamente este dia para pagar-te uma dívida. Quem foi testemunha da dedicação, doutor, verá o reconhecimento.

JOANA  
Nhonhô, me dê licença!

JORGE  
Toma, Joana. Eu escrevi-a esta manhã lembrando-me de minha mãe.

DR. LIMA  
Muito bem, Jorge. Deus o inspirou!

JOANA  
Mas o quê... Que papel é este, nhonhô?

DR. LIMA  
É a tua carta de liberdade, Joana!

JOANA  
Não quero! Não preciso!

JORGE  
Não é tua carta de liberdade, não, minha boa Joana; porque eu nunca te considerei minha escrava. É apenas um título para que não te envergonhes mais nunca da afeição que me tens.

JOANA  
Mas eu não deixarei a meu nhonhô?

JORGE  
A menos que tu não o exijas.

JOANA  
Eu!... Que lembrança!

DR. LIMA  
Não faz ideia do quanto me comove esta cena.

JORGE  
As nossas almas se compreendem, doutor. Guarda, Joana, este papel...

JOANA

Por que nhonhô mesmo não guarda?

JORGE

De modo algum. Ele te pertence, manda-o registrar em um tabelião.

DR. LIMA

É prudente.

JORGE

Há muito tempo, doutor, que tencionava realizar este pensamento. Mas tinha tomado algum dinheiro com hipoteca...

DR. LIMA

Com hipoteca.!... Sobre Joana?

JOANA

Que mal fazia?

JORGE

Conheço que fui imprudente, mas a necessidade urgia.

DR. LIMA

Não o censuro, Jorge! O senhor não sabia...

JORGE

O que, doutor?

DR. LIMA

Não sabia... Quanto esses empréstimos são perigosos!...

JORGE

Felizmente já não sou devedor... Nem ao homem que me emprestou... Nem à minha consciência que me ordenava desse a Joana essa pequena prova da estima que lhe tenho. Resta-me ainda uma dívida... Dívida de amizade e gratidão que nunca poderei pagar.

DR. LIMA

A ela!... Por certo que nunca!

JOANA  
A meu senhor!... A mim não. (*Batem*)

**CENA V**  
*Os mesmos e Gomes.*

JOANA  
Senhor Gomes!

JORGE  
Tenha a bondade de entrar.

GOMES  
Desculpe se o incomodo, meu vizinho!

JORGE  
Ao contrário, dá-me muito prazer... Por que não se senta?

DR. LIMA (*a Joana*)  
Agora podes ficar tranquila! Terei forças de calar-me.

JOANA  
Meu senhor... Não toque nisto... agora.

DR. LIMA  
Que tem?... Não nos ouvem.

JOANA  
Fale mais baixo!... Pelo amor de Deus!

JORGE (*a Gomes*)  
Hoje me pareceu incomodado?

GOMES  
Estou bom!

JORGE  
Mas ainda o acho pálido.

GOMES  
Não é nada!

JORGE  
Ainda bem! Quero apresentar-lhe a um amigo que chegou-nos hoje de repente... Devo-lhe mais que a existência, devo-lhe a educação.

GOMES  
Como?... Perdão! estava distraído!... Que dizia?

JORGE  
Que desejava apresentar-lhe um amigo.

GOMES  
Ah! Com muito gosto.

JORGE  
Dr. Lima!... O senhor estimará fazer o conhecimento de uma pessoa que todos respeitam pela sua honradez... O Sr. Gomes... Empregado público.

DR. LIMA  
Estimo muito!... Um médico pobre, sem clínica, que esteve cinco anos fora do seu país, de pouco presta, mas pode contar...

GOMES  
Obrigado, senhor doutor. (*A Jorge*) Porém eu desejava falar-lhe em particular.

JORGE  
Por que não disse?...

DR. LIMA  
Neste caso eu me retiro.

GOMES  
Não é preciso! Não! Eu voltarei depois.

JORGE  
Para que ter esse trabalho?... O doutor pode entrar um momento.



DR. LIMA

Decerto! Vou ver a casa. Anda, Joana. Vem mostrar-me os teus arranjos.

**CENA VI**  
*Gomes e Jorge.*

GOMES

Não incomode seu amigo. Voltarei depois.

JORGE

Ora, Sr. Gomes, não é incômodo. Estou à sua disposição.

GOMES

É verdade que o negócio de que lhe pretendia falar é urgente... mas...

JORGE

Pois então, não há necessidade de adiá-lo.

GOMES

Talvez o senhor estranhe... O passo é impróprio, eu conheço...

JORGE

Fale com franqueza.

GOMES

Não! Temo abusar... Agradeço-lhe a sua atenção... Outra vez conversaremos. Hoje mesmo... Logo mais.

JORGE

O Sr. Gomes tem alguma coisa que o inquieta; creia que se estiver nas minhas mãos servi-lo...

GOMES

É engano seu!... Não tenho nada.

JORGE

Talvez algum embaraço... Sim! Isto não depende de nós... Pode acontecer a qualquer... De repente precisamos de algum... dinheiro...

GOMES

Senhor Jorge! Não vim pedir-lhe dinheiro emprestado! Não é meu costume.

JORGE

Perdão, Sr. Gomes! Não tive intenção de ofendê-lo. Estimo-o e respeito-o muito...

GOMES

Faço justiça às suas intenções... Mas creia... Se me visse reduzido a essas circunstâncias preferiria morrer de fome a tirar esmolas.

JORGE

A palavra é dura! Recorrer a um amigo não é mendigar.

GOMES

Não; mas pedir quando não se pode e não se espera pagar... é mais que mendigar... É abusar da confiança; é roubar. Bem vê que não seria capaz.

JORGE

Mas o Sr. Gomes não está nessas circunstâncias.

GOMES

Não devo tomar-lhe o tempo com os meus negócios. O objeto sobre que desejava falar-lhe... é muito diferente.

JORGE

Pois eu o escuto.

GOMES

Não! Preciso refletir ainda.

JORGE

Mas não poderei saber?...

GOMES

É escusado... Permita-me!

JORGE  
Como quiser.

GOMES  
Passe bem!

**CENA VII**  
*Jorge, Dr. Lima e Joana.*

DR. LIMA  
Já foi o seu amigo?

JORGE  
Já, doutor.

DR. LIMA  
Examinou-o bem?... Ele tem alguma coisa. Não está no seu estado normal.

JORGE  
Assim me pareceu.

DR. LIMA  
Aconselhe-lhe que se trate.

JORGE  
Hei de procurá-lo daqui a pouco. É nosso vizinho; mora no primeiro andar... Julgo que tem sofrido desarranjos nos seus negócios.

JOANA  
Iaiá D. Elisa me disse, nhonhô, que ele sempre foi assim triste.

DR. LIMA  
Quem é Iaiá D. Elisa?

JOANA  
É a filha do Sr. Gomes.

DR. LIMA  
Bonita?

JOANA  
Como nhonhô! Parece que nasceram um para o outro.

DR. LIMA  
Ah! Temos romance?

JORGE  
Qual, doutor!... São ideias de Joana.

DR. LIMA  
Havemos de conversar a este respeito. Corri a casa. Está bem acomodado... Tem o que é preciso para um moço solteiro.

JOANA  
Oh! Ainda falta muita coisa! Mas há de vir com o tempo.

DR. LIMA  
E graças aos teus cuidados. Mas não te esqueças, Joana! Vai aprontar o quarto do doutor.

JOANA  
Senhor doutor fica morando aqui?

JORGE  
Então!

DR. LIMA  
Já tomei um quarto no Hotel da Europa.

JORGE  
Como, doutor?... Não esperava.

DR. LIMA  
Desculpe, meu amigo! Tenho os meus hábitos. Já estou velho. Não quero nem incomodá-lo, nem incomodar-me.

JORGE

Ao menos há de jantar conosco...

DR. LIMA

Hoje não é possível.

JORGE

Ora! Não o deixo sair. Lembre-se que dia é hoje.

DR. LIMA

Já me disse. É o dia de seus anos.

JORGE

E o da sua chegada!... Mas pertence também a Joana.

DR. LIMA

É verdade.

JORGE (*a Joana*)

Vai! Olha que o doutor chega da Europa onde se cozinha perfeitamente. Hás de deitar três talheres.

JOANA

Nhonhô espera mais alguém?

JORGE

Quantos somos nós?

JOANA

Nhonhô!... Logo não vê!... Joana sentar-se na mesa com seu senhor!... Credo!

JORGE

Já te disse, Joana!... Aqui não há nem senhor, nem escrava... Se me tornas a falar assim, ralho contigo.

JOANA

Será a primeira vez.

JORGE

E quem terá a culpa?... Anda! Quem desembarca precisa jantar cedo.

DR. LIMA

Mas, decididamente, Jorge, não posso.

JORGE

Sério, doutor?

DR. LIMA

Se lhe recuso isto, é que tenho motivo forte.

JORGE

Neste caso não insisto. (*Escreve*)

DR. LIMA

Outro dia! Breve... Hoje deitarás apenas dois talheres, Joana; um para Jorge e outro para ti.

JOANA

Não lembre mais isto, meu senhor!

JORGE

Não acha que deve ser assim?

DR. LIMA

Decerto. (*Baixo a Joana*) Senão, fico.

JOANA

Está bom... Será como vosmecê quiser.

DR. LIMA

E no jantar hão de beber duas saúdes.

JORGE

À sua, doutor.

DR. LIMA

À minha sim, mas em primeiro lugar à de sua mãe.

JORGE

E à de Joana.

DR. LIMA

Também!

JORGE

Joana, escuta. Permite, doutor?

DR. LIMA

Pois não!

JORGE

Leve esta carta a D. Elisa.

JOANA

A Iaiá?... Dê cá, nhonhô.

JORGE

Não!... Melhor é que eu não lhe escreva.

JOANA

Que tem isso agora?

JORGE

Ela pode ofender-se!... Desce e procura saber que tem, seu pai.

JOANA

Sim, nhonhô!... Vou já.

JORGE

Não te demores!

JOANA

Meu senhor doutor ainda fica?

DR. LIMA

Não. Também vou.

JORGE

Espera um momento.

JOANA  
Senhor doutor tem que fazer, nhonhô.

JORGE  
Vai, Joana.

DR. LIMA  
Adeus. Basta de maçada.

**CENA VIII**  
*Dr. Lima e Jorge.*

JORGE  
Que pressa é essa, doutor? Sente-se.

DR. LIMA  
Teremos muitas ocasiões de conversar.

JORGE  
Sem dúvida; mas estou impaciente por saber de sua boca o nome de  
minha mãe.

DR. LIMA  
De... sua mãe?

JORGE  
Sim, doutor.

DR. LIMA  
Também eu o ignoro, Jorge.

JORGE  
Mas, doutor, eu fui criado em sua casa. Devo-lhe a educação...

DR. LIMA  
Pela última vez lhe digo, Jorge... Nada me deve... Nada  
absolutamente!



JORGE  
Ora, doutor!...

DR. LIMA  
Dou-lhe minha palavra, e sabe que nunca a dou de balde.

JORGE  
Creio, doutor.

DR. LIMA  
Pois dou-lhe minha palavra que nunca despendi um real com a sua educação... Quando o quisesse, não podia... Sou pobre!

JORGE  
Mas então quem pagava as despesas que eu fazia?

DR. LIMA  
Sua mãe.

JORGE  
E a ocultam de mim!

DR. LIMA  
Não a conheci... Escute, Jorge. Todo o segredo do seu nascimento é este.

JORGE  
Fale, doutor.

DR. LIMA  
Uma noite fui chamado a toda a pressa para ver meu amigo Soares...

JORGE  
Meu pai!

DR. LIMA  
Quando cheguei, seu pai já estava moribundo. Apenas me viu, estendeu-me a mão, balbuciando estas palavras: "Meu filho... sua mãe..." E expirou.

JORGE  
E nada mais?

DR. LIMA  
Nada mais. Trouxe-o para minha casa, onde Joana o criou.

JORGE  
Joana; a única herança de meu pai!

DR. LIMA  
A única!... É verdade.

JORGE  
Também ela ignora!... Mas doutor, não me disse como esses suprimentos se faziam.

DR. LIMA  
De uma maneira muito simples. Quando o senhor precisava de roupa, livros ou qualquer objeto, vinham trazê-lo à casa.

JORGE  
Quem?

DR. LIMA  
Caixeiros... alfaiates...

JORGE  
E nunca lhe disseram?

DR. LIMA  
Se eles não sabiam?

JORGE  
Assim estou condenado a ignorar sempre o nome de minha mãe.

DR. LIMA  
Não se ocupe com isto!... Algum dia, quando menos esperar, há de saber. Continue a portar-se como homem de bem, e deixe o mais à Providência.

JORGE  
Mas é triste, doutor.

DR. LIMA  
Quem sabe?... Quantas vezes esse mistério não é uma felicidade.

JORGE  
Não o percebo.

DR. LIMA  
Quantas vezes a revelação não perturba as relações de pessoas que se estimam, e não acarreta sobre elas o opróbrio e a desonra...

JORGE  
É possível?... Sacrificar-se o filho ao egoísmo.

DR. LIMA  
Não acuse, Jorge.

JORGE  
Tem razão, doutor.

DR. LIMA  
Já se viram pais que se ocultaram para não envergonhar os filhos do seu nascimento.

JORGE  
Não diga isto, doutor!... Um filho nunca se pode envergonhar de seu pai!

DR. LIMA  
Mas suponha que ele teve a desgraça de sofrer uma condenação... Que tornou-se indigno...

JORGE  
Nem assim! Não há motivo que justifique semelhante ingratidão.

DR. LIMA  
Nem um?...

JORGE

Nem um, doutor! Se pois é essa a razão...

DR. LIMA

Que lembrança!... Foi apenas uma suposição... Já lhe disse quanto sabia.

JORGE

Dá-me a sua palavra?

DR. LIMA

Jorge, não se esteja a afligir com estas coisas, que no fim de contas nenhuma influência têm sobre a vida... Adeus. É tarde.

JORGE

Estou convencido agora de que sabe mais do que disse.

DR. LIMA

Engana-se.

JORGE

Por que não me dá a sua palavra?

DR. LIMA

Não vale a pena.

## CENA IX

*Os mesmos e Joana.*

JOANA

Ainda está aqui, meu senhor?

DR. LIMA

Esperava que chegasses.

JORGE

Então, Joana?

JOANA

Já fui, nhonhô.

DR. LIMA

Meu amigo, o senhor tem que conversar com Joana. Deixo-o. Até amanhã.

JORGE

Até amanhã, doutor. Hei de procurá-lo.

DR. LIMA

Já lhe disse onde estou... Hotel...

JORGE

Da Europa.

DR. LIMA

Justo! Mas não sei se ficarei lá. É caro para os pobres.

JOANA

Ora, meu senhor andou viajando.

DR. LIMA

É o que tu pensas!... Gasta-se por lá metade do que é necessário para viver aqui modestamente.

JORGE

Reflita no que lhe disse. Faz mal em ocultar-me.

DR. LIMA

Não pense mais nisso.

## CENA X

*Jorge e Joana.*

JOANA

O que é que o senhor doutor não quer dizer a nhonhô?

JORGE

Uma coisa que não te interessa.

JOANA

Nhonhô não quer que Joana saiba seus segredos... Não pergunto mais.

JORGE

Não é por isso.

JOANA

Deve ser assim mesmo, nhonhô... Quem é esta pobre mulata para que vosmecê lhe conte sua vida!

JORGE

Está bom, Joana! Eu te digo... Perguntei ao doutor quem era minha mãe.

JOANA

Ah! E ele?...

JORGE

Respondeu o mesmo que tu. Mas que soubeste de Elisa?

JOANA

De Iaiá D. Elisa...

JORGE

Já não te lembras?

JOANA

Lembro, lembro, nhonhô!... Ela está muito triste; porém não quis dizer porquê.

JORGE

E seu pai?

JOANA

Senhor Gomes saiu. Iaiá perguntou se vosmecê estava em casa... Talvez ela queira falar com nhonhô.

JORGE

Vou vê-la.

JOANA

Vá, nhonhô. Como ela há de ficar contente!

JORGE

Estás com as tuas ideias.

JOANA

Pois então, nhonhô!... Aonde é que se viu um parzinho mais igual.

JORGE

Achas que sim?

JOANA

E não sou eu só!... Quando nhonhô descer, cerra a porta. Eu vou enxaguar uma roupa lá dentro, pode alguém entrar.

## CENA XI

*Jorge e Elisa.*

JORGE

Elisa!

ELISA

Não me leve a mal, Sr. Jorge.

JORGE

O que, Elisa?

ELISA

Este passo que dei... Se soubesse!

JORGE

Conte-me!... Que sucedeu a seu pai?

ELISA

Uma desgraça!... Ele não esteve aqui?

JORGE

Há pouco... bastante perturbado... E não me disse o motivo por que me procurava.

ELISA

Faltou-lhe a coragem... Meu pobre pai!

JORGE

O que foi?... A que vinha ele?

ELISA

Vinha... Vinha pedir-lhe emprestado... Oh! como lhe custou!

JORGE

Mas... por que repeliu o oferecimento que lhe fiz...

ELISA

Teve vergonha de aceitá-lo... E, entretanto, era para salvar a sua vida!...

JORGE

A vida de seu pai! Como, meu Deus!... Elisa! explique-me o que se passa...

ELISA

Estou tão aflita... Nem posso falar... Desculpe, Sr. Jorge!...

JORGE

Descanse um pouco!

ELISA

Não! desço já. Não devo me demorar aqui!

JORGE

Tem receio... Não está em sua casa? Esqueceu-se!

ELISA

Se não tivesse tanta confiança no senhor, subiria aqui?... morreria antes. Veria morrer meu pai! Mas não teria ânimo...



JORGE  
Diga-me... O que houve?

ELISA  
Meu pai vendeu tudo quanto tinha para pagar as suas dívidas...

JORGE  
Sossegue! Não lhe faltará o necessário.

ELISA  
Oh! se fosse isto!... Eu posso trabalhar... Mas uma coisa horrível,  
uma calúnia... Dizem que meu pai falsificou uma letra!

JORGE  
Ah!

ELISA  
Meu pai, o homem mais honrado...

JORGE  
Incapaz de semelhante ação.

ELISA  
Teme ser condenado... Diz que não pode resistir à vergonha... Quer  
matar-se!

JORGE  
Que loucura!

ELISA  
Mas ele o fará! Olhe!

JORGE  
O que é isto, Elisa?

ELISA  
Veneno, Sr. Jorge... Veneno que meu pai trazia consigo, porque há  
muitos dias essa ideia o persegue.

JORGE

Dê-me este vidro. Eu falarei a seu pai.

ELISA

Não lhe fale, não!... Ele se irritaria... sem mudar de tenção. Já supliquei de joelhos!

JORGE

Então confessou-lhe.

ELISA

Tudo... E disse-me que se não tivesse força para lutar contra a desgraça, ainda aí ficaria bastante... para mim!

JORGE

Cale-se, Elisa.

ELISA

"É a única herança de teu pai" – me disse ele chorando.

JORGE

Está louco!...

ELISA

Não, Sr. Jorge! Ele tem razão! Devemos morrer juntos!

JORGE

Havemos de viver juntos, Elisa. Porque juro que salvarei seu pai. Mas preciso vê-lo.

ELISA

Não lhe diga que lhe contei...

JORGE

Como saberei as circunstâncias do fato que lhe imputam?

ELISA

Ele mesmo nada sabe... senão que um homem O procurou há pouco e ameaçou-o de entregar a letra falsificada à polícia, se lhe não pagasse hoje às cinco horas da tarde!

JORGE  
Em quanto monta essa letra?

ELISA  
Em 500\$000.

JORGE  
E paga ela, seu pai está salvo?

ELISA  
Da desonra... e da morte... sim!

JORGE  
Não tenho agora essa quantia... Mas prometo arranjà-la, Elisa.

ELISA  
Não, não consinto, Sr. Jorge! Não era isso que lhe vinha pedir...

JORGE  
Qualquer estranho o faria para salvar a vida de seu

ELISA  
Eu não lhe devia ter dito!... Mas a ideia de ver morrer meu pai!

JORGE  
Elisa!... Repila essa ideia!... Confie em Deus!

ELISA  
Em Deus e no senhor!... Quem tenho eu mais na terra, além de meu pai?

JORGE  
Preciso sair... Daqui a uma hora voltarei! Hei de salvá-lo!

ELISA  
Vou com essa esperança!...

**CENA XII**  
*Jorge e Joana.*

JORGE  
Quinhentos mil-réis!...

JOANA  
O que é, nhonhô?

JORGE  
Deixa-me!...

JOANA  
Meu Deus!... Perdão!... Que lhe fiz eu, nhonhô?

JORGE  
Nada.

JOANA  
Contaram-lhe alguma coisa!... Não acredite!...

JORGE  
Em quê?

JOANA  
Não acredite no que lhe disseram.

JORGE  
E tu sabes o que me disseram?

JOANA  
Não!... não sei... Mas não é verdade!... Eu lhe juro, nhonhô.

JORGE  
Não te entendo, Joana! Perdeste a cabeça?

JOANA  
Mas... Que tem nhonhô então?

JORGE  
Estou desesperado!

JOANA  
Por quê?

JORGE  
Preciso de dinheiro... e não sei como hei de obtê-lo. (*Sai*)

JOANA  
Ah!

### ATO III

*Em casa de Jorge. A mesma sala.*

#### CENA I

*Jorge e Joana.*

JORGE  
O doutor não veio?...

JOANA  
Depois que nhonhô saiu?... Não!

JORGE  
Já não sei o que faça!

JOANA  
Nhonhô não achou o dinheiro de que precisa?

JORGE  
Qual!... Fui ao doutor, não estava... Deixei-lhe uma carta. Procurei um homem que me costumava emprestar às vezes... Exige penhor... Que posso eu dar?... Só tenho esta mobília!

JOANA  
Mas a casa há de ficar sem trastes?

JORGE  
Que remédio, Joana!... Prometeu vir daqui a pouco avaliar... Quanto poderão valer essas cadeiras?... Uma bagatela... cem mil-réis?

JOANA  
Valem muito mais!...

JORGE  
O meu relógio deu-me apenas cinquenta!

JOANA  
Nhonhô foi empenhar o seu relógio?...

JORGE  
Que havia de fazer?

JOANA  
Jesus!... Que pena!... Mas senhor doutor já há de ter recebido a carta... Não deve tardar por aí.

JORGE  
É a minha única esperança.

JOANA  
Enquanto ele não chega, venha jantar, nhonhô; são mais de três horas.

JORGE  
Não quero jantar agora, Joana... Estou fatigado... inquieto... Depois.

JOANA  
Almoçou tão pouco!

JORGE  
Almocei como de costume. Não tenho disposição.

JOANA  
Nhonhô não se agasta se eu lhe perguntar uma coisa?...

JORGE  
Podes perguntar.

JOANA

Não é só para saber, não... É que talvez Joana possa remediar... Esse dinheiro de que nhonhô precisa para que é?

JORGE

Se o segredo me pertencesse, eu to diria.

JOANA

Ah! É um segredo... Mas precisa mesmo?...

JORGE

Daria metade da minha vida para obtê-lo.

JOANA

Pois então, nhonhô, fique descansado! Tudo se há de arranjar.

JORGE

Como, Joana?... Por que meio?

## CENA II

*Os mesmos e Dr. Lima.*

JORGE

Ah! É o doutor...

JOANA

Ele mesmo!...

DR. LIMA

Apenas recebi a sua carta, meti-me num tálburi e aqui estou. Que temos?

JORGE

Creia, doutor, que só uma circunstância extraordinária me obrigaria a recorrer à sua amizade.

DR. LIMA

Nada de preâmbulos, meu amigo. Eu o conheço. Em que lhe posso servir?

JORGE  
Preciso, doutor...

DR. LIMA  
De quê? Não se vexa!

JORGE  
Talvez repare...

DR. LIMA  
Precisa de dinheiro... Não é?

JORGE  
É verdade.

DR. LIMA  
De quanto?

JORGE  
De quinhentos mil-réis... Reconheço que é uma quantia avultada.

DR. LIMA  
Até aí chegam as minhas forças. Amanhã lhos trarei.

JORGE  
Amanhã?

DR. LIMA  
Apenas tire o meu fato da alfândega.

JOANA  
Ora, bravo... Está tudo arranjado. Eu bem sabia que meu senhor Dr. Lima era um amigo de mão cheia.

JORGE  
Mas eu preciso para hoje às quatro horas sem falta.

DR. LIMA



Eis o que é impossível. Três e dez... A alfândega está fechada... os meus papéis estão na mala... A ninguém conheço... Entretanto vou tentar.

JORGE

Inda mais incômodo!... Com efeito, o senhor deve fazer bem triste ideia de mim!

DR. LIMA

Jorge!... Não me ofenda!

JORGE

Parece que o estava esperando para importuná-lo... Mas quando souber o motivo me desculpará.

DR. LIMA

Não quero que mo declare; sei que é honroso, e isto basta-me.

JORGE

Muito obrigado!

DR. LIMA

Não percamos tempo. Se não estiver aqui às quatro horas, é que nada consegui.

### CENA III

*Jorge e Joana.*

JORGE

Está acabado!... Morrerei também!

JOANA

Nhonhô! Não diga isso!... Há de ter esse dinheiro.

JORGE

A última esperança foi-se!

JOANA

Ainda não, nhonhô! Não é de quinhentos mil-réis que precisa?

JORGE

Onde irei eu achá-los?

JOANA

Mas... sua mulata assim mesmo velha, ainda vale mais do que isso.

JORGE

Que queres dizer, Joana?

JOANA

Nhonhô não me deu este papel?... Eu não careço dele!

JORGE

A tua carta!... Estás louca?

JOANA

Ouçã, nhonhô...

JORGE

Não quero ouvir nada.

JOANA

Mas nhonhô prometeu dar esse dinheiro.

JORGE

Prometi.

JOANA

Então! Há de faltar à sua palavra... E falar em morrer...

JORGE

Queres que para evitar um mal, cometa um crime?... Que roube a liberdade que te dei?...

JOANA

Nhonhô não rouba nada!... Eu é que não quero... Não pedi!...

JORGE

Que importa?... O que dei não me pertence.

JOANA

Pois eu não aceito! Veja...

JORGE

Que vais fazer?

JOANA

Nhonhô não há de obrigar... Não sou forra!... Não quero ser!... Não quero!... Sou escrava de meu senhor!... E ele não há de padecer necessidades!... Tinha que ver agora uma mulher em casa sem fazer nada, sem prestar para coisa alguma... E meu nhonhô triste e agoniado.

JORGE

Não recebo o teu sacrifício. É escusado. Depois, de que me serviria isto?

JOANA

Mas vem cá, nhonhô... Vosmecê não disse esta manhã que há muito tempo me queria forrar?

JORGE

E disse a verdade.

JOANA

Quem duvida?... Mas não forrou porque tinha pedido um dinheiro emprestado com... Não sei como se chama.

JORGE

Com hipoteca?

JOANA

Isso mesmo!... Pois que custa nhonhô pedir outra vez esse dinheiro emprestado?

JORGE

Tu já não és minha escrava.

JOANA

O que sou eu então!... Nhonhô não me quer mais... Não presto para nada... Paciência!

JORGE  
Estás forra.

JOANA  
Mas eu rasguei o papel.

JORGE  
É indiferente. Eu o escrevi.

JOANA  
Que tinha que fizesse isto? Amanhã, Sr. Dr. Lima trazia o dinheiro, e estava tudo direito.

JORGE  
Vê quem está batendo. Deve ser o Peixoto.

JOANA  
Mas então, nhonhô?

JORGE  
Abre a porta.

#### CENA IV

*Os mesmos e Elisa.*

JOANA  
Iaiá D. Elisa!

ELISA  
Senhor Jorge. *(Joana afasta-se)*

JORGE  
Nada obtive ainda, Elisa.

ELISA

Meu Deus!... Ele já me perguntou pelo vidro!... Eu lhe respondi...  
Nem sei o que lhe respondi!... São mais de três horas...

JORGE

Não desespere, Elisa! Ainda temos tempo. Vá fazer-lhe companhia.  
Não o deixe.

ELISA

Oh! se as minhas lágrimas o salvassem!

JORGE

Em último caso, se nada conseguir, irei ter com ele... Não o deixarei  
realizar o projeto que medita.

ELISA

Mas ficará desonrado... Acusado de falsificador, será demitido...  
Cuida que resistirá?

JORGE

Procuraremos salvar-lhe a honra... Se não for possível, de duas  
desgraças a menor... a que ainda pode ser reparada!

ELISA

Conto com o senhor!... Não nos abandone, Sr. Jorge.

JORGE

Vá descansada! Talvez mais cedo do que pensa eu possa levar-lhe  
uma boa notícia!... Se houver alguma coisa de novo, venha me dizer!

JOANA

Que tem Iaiá que está tão triste?

ELISA

Logo te direi, Joana.

JOANA

Sua mulata de nada serve, mas...

ELISA

Sei quanto és boa! Porém não me podes valer.

JOANA  
Quem sabe, Iaiá?

**CENA V**  
*Jorge e Joana.*

JORGE  
Joana!... Aceito o sacrifício que me fazes!

JOANA  
Qual sacrifício!... Isso é o que nhonhô devia ter feito logo. Já estava livre de cuidados.

JORGE  
Não o aceitaria nunca se não fosse para o fim que é... Para salvar a vida de um homem... de um pai!

JOANA  
Do Sr. Gomes?

JORGE  
Sim, do pai de Elisa.

JOANA  
Por isso é que Iaiá está com os olhos vermelhos de chorar!... Pois nhonhô sabia e recusava!...

JORGE  
Nem imaginas quanto me custa!... Há muito tempo não tenho uma tão grande satisfação como a que senti hoje dando-te a liberdade, Joana! Nunca o dinheiro ganho pelo trabalho honesto me inspirou tão nobre e tão justo orgulho!... E destruir agora a minha obra!... Ah! Elisa não sabe que fel me fazer tragar as suas lágrimas!

JOANA  
Está bom, nhonhô, não esteja triste!... Tudo vai se arranjar... daqui a uma semana, se tanto, que festa não há de haver nesta casa!

JORGE

Se eu já tiver restituído o que hoje confias de mim com tanta generosidade. Antes disso juro que não gastarei senão o que for absolutamente necessário para viver.

JOANA

E por que agora nhonhô há de se privar do que precisar?

JORGE

O devedor que assim não procede, rouba ao seu credor. E se houve dívida sagrada no mundo é esta que vou contrair contigo.

JOANA

Não, vejo nada de maior.

JORGE

Aumentas o sacrifício, diminuindo-lhe o valor.

JOANA

Nhonhô hoje não está bom, não! Tão cheio de partes!...

JORGE

Será o doutor?

## CENA VI

*Os mesmos e Peixoto.*

PEIXOTO

Com licença!

JORGE

Ah!... Faz obséquo de sentar-se?

PEIXOTO

Tardei um pouco. Tive que fazer.

JOANA

É o homem dos trastes, nhonhô?

JORGE  
E o doutor nada!

JOANA  
Não achou.

PEIXOTO  
Vamos a isso! Falou-me na sua mobília. É esta?

JORGE  
Sim, senhor. Tenho também alguns trastes na varanda.

PEIXOTO  
Jacarandá... Mais de meio uso.

JOANA  
Quase nova, meu senhor...

PEIXOTO  
Tem alguns dois anos de serviço.

JOANA  
Jesus!... Nem dois meses!

PEIXOTO  
Então foi comprada em leilão. Não há que fiar agora. Imaginem trastes velhos por novos... Lixa e verniz... Não custa.

JORGE  
Mas quanto dá o senhor?

PEIXOTO  
Por isto que aqui está... Último preço oitenta mil-réis. Não vale mais.

JORGE  
Oitenta só?

PEIXOTO  
Só. E não é pouco.



JOANA

Ora, meu senhor! Mais do que isto custou o sofá.

PEIXOTO

Pode ser. Não dou mais.

JORGE

E pela minha cama?... É de mogno maciço.

PEIXOTO

Vejamos. (*Entra na alcova*)

JOANA

Mas nhonhô há de ficar sem a sua cama? Isso não tem jeito nenhum.

JORGE

Comprarei outra depois.

JOANA

Melhor é fazer o que lhe disse, nhonhô.

JORGE

Deixa ver... Talvez não seja preciso.

PEIXOTO

A cama e a mobília da sala... Fica tudo por cento e vinte mil-réis. Tem mais alguma coisa?

JOANA

Tem, sim, meu senhor!... Tem esta escrava! Quanto acha vosmecê que ela vale?

PEIXOTO

Ah! Isto é outro caso!... (*A Jorge*) Quer renovar a hipoteca sobre ela?

JOANA

Quer... Ele quer... Pois já não disse?...

PEIXOTO

Não ouvi! Então fica sem efeito o negócio dos trastes?

JOANA

Fica, meu senhor!... Não é, nhonhô?

JORGE

Não sei.

PEIXOTO

Em que ficamos?

JOANA

Devem ser quatro horas!

JORGE

Quatro horas!?!... Que decide, senhor?

PEIXOTO

Sobre a mulata?

JORGE

Sim!

PEIXOTO

Dou-lhe sobre ela trezentos mil-réis.

JORGE

Como, senhor?!... Não lhe estava hipotecada por seiscentos mil-réis que acabei de pagar hoje?

PEIXOTO

Foi em outro tempo! Hoje está velha.

JOANA

Eu velha, meu senhor!... Mal tenho trinta e sete anos... Depois não sou qualquer mulatinha como essas preguiçosas que não entendem de outra coisa senão de estar na janela!... Eu sei pentear e vestir uma moça que faz gosto. Melhor do que muita mucama de fama.

PEIXOTO

Não tenho filhas.

JOANA

Mas eu também sei coser, lavar, engomar. Que pensa meu senhor?... Onde me vê, não é por me gabar... Dou conta do arranjo de uma casa... Varro, arrumo tudo, cozinho, ponho a mesa; e ainda me fica tempo para fazer as minhas costuras, remendar os panos de prato, arcar as panelas... Pergunte a nhonhô!

JORGE

Joana, eu te peço!

JOANA

Olhe, meu senhor! Dê quinhentos mil-réis, que não se há de arrepender!... Dê sem susto, porque o mais tarde, o mais tarde, amanhã meu nhonhô vai lhe pagar.

PEIXOTO

Não posso. Tu não estás segura...

JOANA

Eu não preciso, meu senhor!... Prometo a vosmecê que não morro!... Não é capaz!... Tenho vida para cem anos. Vosmecê não conhece esta mulata, não. Seguro... Isto é para a gente de hoje!...

JORGE

Escuta, Joana.

JOANA

Nhonhô espere... Então vosmecê não dá os quinhentos mil-réis?

PEIXOTO

Veremos: veremos! Conforme as condições que teu senhor aceitar.

JOANA

Logo vi que vosmecê havia de chegar... Porque olhe!... Também por menos, estava bem livre!... - O que é, nhonhô?

JORGE (*a meia voz*)

Deixa-nos a sós. Quero tratar com este homem.

JOANA

E que tem que eu esteja aqui, nhonhô?

JORGE

Em tua presença nunca poderei.

JOANA

Pois eu vou. Não se arrependa, nhonhô. D. Iaiá Elisa está esperando... Coitadinha!...

## CENA VII

*Jorge e Peixoto.*

PEIXOTO

Está disposto a efetuar o negócio?

JORGE

Por quinhentos mil-réis dados imediatamente.

PEIXOTO

Já vejo que nada fazemos.

JORGE

O senhor supõe que estou, como certas pessoas com quem trata, procurando rodeios para tirar-lhe a maior soma possível. Engana-se.

PEIXOTO

Não suponho tal.

JORGE

Tenho urgente necessidade de quinhentos mil-réis, hoje, dentro de meia hora. Desde que não é possível obter esta quantia, o negócio não me convém. E não sei, Sr. Peixoto, se deva agradecer-lhe.

PEIXOTO

Então precisa de quinhentos mil-réis?

JORGE

Justos.

PEIXOTO

Pois não seja esta a dificuldade. Dou-lhe esse dinheiro sobre a escrava.

JORGE

Já?

PEIXOTO

Não o trago aqui, mas vou buscá-lo... num instante... Isto é, eu ainda não examinei a peça... mas podemos terminar isto.

JORGE

Que é preciso fazer?... Ir a um tabelião...

PEIXOTO

Levaria muito tempo. Distribuir a escritura... pagar selo... Nem amanhã se concluiria.

JORGE

Mas eu preciso hoje.

PEIXOTO

Há meio de remediar tudo. Faça um penhor!

JORGE

Para que o senhor a leve?

PEIXOTO

Um simples escrito, e está o negócio arranjado.

JORGE

Isso de maneira alguma! Pensei que era o contrato que já fizemos! Joana hipotecada ao senhor, mas sempre em minha casa!

PEIXOTO

Deste modo nem é possível, nem eu lhe daria os quinhentos mil-réis. Devo lucrar os serviços.

JORGE

Por algumas horas... Pois amanhã...

PEIXOTO

Lá isso não sei... Pode ser por meses.

JORGE

Não tenho ânimo de separá-la de mim, de tirá-la de casa!

PEIXOTO

Pois resolva-se!... Vou ao escritório buscar o dinheiro. Daqui a cinco minutos venho saber a resposta.

JORGE

É escusado... Para que se incomodar?

PEIXOTO

Tenho um negócio para estas bandas. Até já.

## CENA VIII

*Jorge e Joana.*

JOANA

Arranjou-se tudo, nhonhô! Não foi?

JORGE

Não fiz nada; estou na mesma.

JOANA

O homem teimou em não dar os quinhentos mil-réis?

JORGE

Dava: mas com uma condição que não quis... que não devia aceitar.

JOANA

Qual, nhonhô?

JORGE

Não entendes de negócio. Tanto faz dizer-te como não.

JOANA

É verdade que Joana não estudou como os homens que vão à escola! Mas... Nhonhô não faça pouco... Eu sei muita coisa. Pode ser que lembre uma ideia boa.

JORGE

Não fazemos nada, Joana. O melhor é resignar-me.

JOANA

Então nhonhô deixa morrer o pai de Iaiá D. Elisa?

JORGE

Ele há de atender-me!... É impossível que um homem razoável persista em fazer semelhante loucura.

JOANA

Mas vosmecê prometeu a Iaiá... E quando ela vier que lhe há de responder?

JORGE

O quê?... Que esta vida não vale as lágrimas que custa!

JOANA

Nhonhô!... Não se lembre disso!

JORGE

Que hei de fazer, Joana?

JOANA

Se não tivesse deixado o homem sair.

JORGE

Ele ficou de voltar para saber a resposta.

JOANA

Que resposta?

JORGE

Da condição que me propôs... Queria que te desse em penhor.

JOANA

Que eu fosse para a casa dele?

JORGE

Bem vêz que não devia aceitar!

JOANA

Nhonhô precisa do dinheiro... Aceite!... Mas é por hoje só, não é?

JORGE

Unicamente!... Amanhã, apenas o doutor chegasse, iria te buscar.

JOANA

Pois então!... Uma tarde depressa se passa!... Nhonhô não faltará ao que prometeu.

JORGE

Elisa vai agradecer-me o que só deverá a ti! Assim é este mundo.

JOANA

Eu não faço nada por Iaiá D. Elisa... É por meu senhor...

JORGE

O Peixoto está se demorando! Se não voltar!

JOANA

Eu vou chamá-lo.

JORGE

Espera!... Às vezes tenho vontade que ele não venha.

JOANA

Ah! se o senhor doutor aparece por aí!

JORGE

Não ouves subir?

JOANA

Vou ver.



**CENA IX**  
*Os mesmos e Peixoto.*

PEIXOTO

Já sei que resolveu-se?

JORGE

As circunstâncias me forçaram.

PEIXOTO

Ora bem! Fechemos o negócio. Vem cá, mulata.

JOANA

Meu senhor!

PEIXOTO

Deixa lá ver os pés!

JOANA

Meu senhor está desconfiado comigo! Eu não tenho doença!... Se nunca senti me doer a cabeça, até hoje, graças a Deus!

PEIXOTO

Tá, tá, tá, cantigas!... Vamos!... Não te faças de boa!

JOANA

Ninguém ainda me tratou assim, meu senhor!

PEIXOTO

Anda lá!... Mostra os dentes!

JOANA

Todos são!

PEIXOTO

É o que esta gente tem que mete inveja! Se fosse possível trocar!... E não tens marca?

JORGE

Senhor! Acabe com isto!... Não posso mais ver semelhante cena.

PEIXOTO

Quem dá o seu dinheiro, Sr. Jorge, deve saber o que compra... Se não lhe agrada...

JORGE

Está no seu direito; quem lhe contesta?... Mas terminemos com isto de uma vez.

PEIXOTO

Não desejo outra coisa. Então tens as tais marcas, hein?...

JOANA

Fui mucama de minha senhora moça, que me tratava como sua irmã dela. Saí para o poder de nhonhô, que até hoje nunca me disse "Joana, estou zangado contigo!"

PEIXOTO

Tens um bom senhor, já vejo!

JORGE

Perdoa, Joana, o por que te fiz passar!

JOANA

Não foi nada, nhonhô.

PEIXOTO

Muito bem! Aqui está o papel.

JORGE

O senhor enganou-se!... Seiscentos mil-réis?

PEIXOTO

É difícil enganar-me. São mesmo seiscentos mil-réis.

JORGE

Mas eu pedi-lhe quinhentos mil-réis.

PEIXOTO

Justo! É o que há de receber. Os cem são de juros.

JORGE

Por um dia?... Pois amanhã...

PEIXOTO

Não empresto por um dia! Se quiser pagar amanhã, nada tenho com isso.

JORGE

Mas receberá.

PEIXOTO

Certamente!

JORGE

E ganhará em um só dia 20%.

PEIXOTO

São os riscos do negócio... Posso esperar anos sem receber.

JORGE

Nesse caso os serviços.

PEIXOTO

Ainda não sei quais são. Demais, tenho alimentação, vestuário, botica, médico, etc.

JORGE

Enfim!... Já não é tempo de recuar. (*Vai à mesa assinar o papel*)

JOANA

Meu senhor, não cuide que vou lhe fazer despesas. Como um quase nada...

PEIXOTO

Que interesse tens tu no negócio! Parece que estás morrendo por te ver livre de teu senhor.

JOANA

Está ouvindo, nhonhô?

JORGE

Mas, senhor!... Isto é um papel de venda.

JOANA

De venda?!... Nhonhô me vender!

PEIXOTO

Questão de palavras!... Não vê que tem a condição de retro?

JORGE

O senhor falou-me em penhor... Venda! Nunca teria consentido.

PEIXOTO

É uma e a mesma coisa. No penhor, se o senhor não me pagar, a escrava é minha. Na venda a retro ela volta ao seu poder, logo que me pague.

JORGE

Em todo o caso prefiro o penhor.

PEIXOTO

Meu caro senhor, tenho tido todas as condescendências possíveis; mas vossa senhoria não está habituado a tratar certos negócios, de modo que nunca chegaremos a um acordo.

JORGE

Porque o senhor não diz francamente o que exige.

PEIXOTO

Essa é boa! Quer mais franqueza?... É aceitar ou largar! Não obrigado!

JOANA

Mas se nhonhô lhe pagar amanhã, fica meu senhor outra vez?

PEIXOTO

Que dúvida!... Tem um mês para pagar!

JOANA

Então, nhonhô... Vem dar no mesmo.

JORGE

Não!... não posso assinar semelhante papel!

PEIXOTO

Bem! o dito por não dito!... Outra vez fará o obséquio de não me incomodar. Perdi com o senhor a manhã inteira... sem o menor proveito.

*(Elisa aparece)*

### CENA X

*Os mesmos e Elisa.*

JORGE

Ah! *(Assina)* Tome, senhor. O dinheiro? *(Corre a Elisa)*

PEIXOTO

Ei-lo. - Oh! Quem é esta moça?

JOANA

É a filha do Sr. Gomes.

PEIXOTO

Hum!... Percebo!

JORGE

Não se importe que a vejam aqui! Se a caluniarem, eu farei calar o infame!

ELISA

Nem sei já o que faço!...

JORGE *(a Peixoto)*

O dinheiro?

PEIXOTO

Aqui o tem. Faça o favor de contar.

ELISA  
Este homem!...

JORGE  
Que tem?

ELISA  
É o que ameaçou meu pai!

JORGE  
Devia ter adivinhado!

ELISA  
Vendo-o entrar, julguei que já vinha... Fiquei fora de mim... Subi! Há que tempo estou ali sem ânimo de entrar.

JORGE  
Finalmente seu pai está salvo! Tome, Elisa!...

ELISA  
Oh! não, Sr. Jorge!

JORGE  
Tem vergonha de aceitá-los da mão de seu marido?...

ELISA  
Não era melhor que o senhor mesmo entregasse a meu pai?

JORGE  
Ele aceitaria mais facilmente de sua filha!

ELISA  
Mas eu é que não posso!... Não devo...

JORGE  
Espere!... (*A Peixoto*) O senhor tem eu seu poder uma letra do Sr. Gomes?

PEIXOTO

Uma letra de quinhentos mil-réis? Sim, meu senhor!

JORGE

Está paga! Dê-me esta letra!

PEIXOTO

Então era esta a necessidade urgente? (*Dá a letra*) Muito podem uns bonitos olhos!

JORGE

Insolente!... Respeite nesta senhora minha mulher.

PEIXOTO

Perdão! Não sabia.

JORGE (*a Elisa*)

Agora não deve ter escrúpulos. É um papel sem valor.

ELISA

Sem valor, Jorge!... Vale a honra e a vida de meu pai; vale a nossa felicidade.

JORGE

Vá depressa sossegar seu pai... Ah! Agradeça a Joana, Elisa.

ELISA

Por quê? Ela também se interessou por mim?

JORGE

Depois lhe direi porquê.

JOANA

Eu só peço a Deus que faça meu nhonhô e Iaiá D. Elisa muito, muito felizes!

(*Durante a cena seguinte veem-se Jorge e Elisa na porta*)

## CENA XI

*Peixoto e Joana.*

PEIXOTO

Não tens alguma roupa?... Ou é só a do corpo?

JOANA

Tenho muita roupa, graças a Deus; é o que não me falta. Nhonhô me dá mais do que eu preciso.

PEIXOTO

Pois então vai arrumar a trouxa. E anda com isso.

JOANA

Por uma noite?... Nhonhô amanhã vai me buscar.

PEIXOTO

Todos eles dizem o mesmo... Amanhã, amanhã... e o tal amanhã dura um ano.

JOANA

Que diz, meu senhor?... Um ano!... Oh! meu nhonhô não é como esses. Vosmecê há de ver... Ele quer bem à sua mulata.

PEIXOTO

Vamos. Despacha-te. Vai sempre ver a roupa. Não digas que te engano.

JOANA

Não, meu senhor. Se eu ficar lá, o que Deus não há de permitir, não... eu virei buscar os meus trapinhos. Agora!... Se eu os levasse... Era como se não tivesse mais de voltar para o poder de meu nhonhô!... E Joana não poderia!

PEIXOTO

Bem! Eu cá mandarei.

## CENA XII

*Os mesmos e Jorge.*

JORGE



Desculpe se os fiz esperar.

PEIXOTO

Não manda mais nada ao seu serviço?

JORGE

Tenho apenas uma súplica a fazer-lhe.

PEIXOTO

Que diremos?

JORGE

Durante o tempo que esta... que Joana vai estar em sua casa.

PEIXOTO

Que é minha escrava, quer o senhor dizer.

JORGE

Peço-lhe que a trate com doçura. Está habituada a viver comigo, mais como uma companheira do que...

PEIXOTO

Escusa pedir-me isto. Sou bom senhor. O caso é saberem levar-me. Anda, mulata! Vamos.

JOANA

Já?!... Me deixe dizer adeus a meu nhonhô.

PEIXOTO

Pois dize lá o teu adeus... E nada de choramingas.

JOANA

Meu nhonhô, adeus! Sua escrava vai-se embora!

JORGE

Joana!

JOANA

Não chore, nhonhô. É por hoje só. Não é?

JORGE  
Eu te juro.

JOANA  
Oh! Se não fosse, nhonhô me deixava ir?

JORGE  
Decerto que não!

JOANA  
Mas se o senhor doutor não vier amanhã?

JORGE  
Se ele faltar, meu Deus!

JOANA  
Não há de faltar, não. senhor doutor é homem de palavra...

JORGE  
E quando por qualquer acaso sucedesse... Ainda tenho forças para trabalhar.

JOANA  
Oh! meu nhonhô! Não é por mim que tenho medo de ficar lá. Deus é testemunha... Mas quem há de tratar de meu nhonhô quando sua Joana não estiver aqui?... Quem há de preparar tudo para que não lhe falte nada? E se nhonhô cair doente?!... Meu Jesus!... Que dor de coração só de pensar nisso!

JORGE  
Consola-te, Joana. Algumas horas depressa se passam.

JOANA  
É assim mesmo, nhonhô... Mas que saudades que Joana vai ter... Ela que nunca saiu de junto de seu senhor... nem um dia... Que nunca se deitou sem lhe tomar a bênção! Nhonhô também há de ter saudades de sua escrava?...

JORGE  
Perguntas, Joana.

JOANA

Oh! Eu sei que nhonhô há de ter!... Mas não fique triste, não.

JORGE

Joana, não me faça perder a coragem... Deste modo não terei ânimo.

JOANA

Está bom, nhonhô. Olhe: Joana não chora mais! Está se rindo. Amanhã ela estará aqui outra vez, servindo seu nhonhô... E Iaiá D. Elisa, Sr. Gomes... todos contentes!

PEIXOTO

Se continuamos assim, não saio daqui hoje! É uma choradeira que nunca mais se acaba.

JORGE

Não zombe destas lágrimas, senhor! Joana me criou! Nunca nos separamos. É toda a minha família! Ela e um amigo que tive hoje a felicidade de ver. Amor de mãe que não conheci, amor de irmã que não tive, tudo concentrei nela!

PEIXOTO

Mas é preciso que terminemos com isto.

JORGE

É justo... Joana! Adeus! Até amanhã!

JOANA

Até amanhã!... Sim, meu nhonhô!... Mas se eu lhe pedisse...

JORGE

O quê? Dize...

JOANA

Não... Para quê... Incomodar o nhonhô?

JORGE

Pode... O quê?

JOANA

Nhonhô à tardinha... Quando se recolhesses... Podia passar...

JORGE

Compreendo... Eu irei ver-te, minha boa Joana.

JOANA

Que alegria que Joana terá!

PEIXOTO

Não posso mais. Psiu! Mulata! segue-me!

JORGE

Não lhe fale assim!

PEIXOTO

Ora, essa! É minha escrava. Posso fazer dela o que quiser.

JORGE

Usurário!... Não me obrigue a fazer uma loucura!

JOANA

Nhonhô, não se altere... Vamos, meu senhor. Estou pronta.

PEIXOTO

Passa! Anda...

JOANA

Nhonhô!... Lembre-se de sua escrava.

JORGE

Meu Deus!

## **ATO IV**

*Em casa de Jorge, a mesma sala.*

### **CENA I**

*Jorge e Elisa.*

ELISA

Senhor Jorge!...

JORGE

Ah! bom dia, Elisa!... Seu pai?

ELISA

Está inteiramente calmo. Saiu... Disse-me que daqui a pouco lhe viria agradecer.

JORGE

Ele já sabe?

ELISA

Contei-lhe tudo!... Não devia?

JORGE

Fez bem. Que respondeu ele?

ELISA

Sorriu, Jorge!

JORGE

Aprovou portanto...

ELISA

Parece...

JORGE

Só nos falta para sermos felizes...

ELISA

O quê?... Não me responde?

JORGE

Não posso agora! Depois saberá, Elisa.

ELISA

Deve ser alguma coisa que lhe pesa! Está inquieto!

JORGE

É engano!... Não tenho motivo de inquietação.

ELISA

Quer ocultar de mim, que lhe contei todos os meus pesares?

JORGE

Nada oculto... São recordações... O espírito humano é assim... Inquieta-se, possui-se de um vago temor, quando maior razão tem de alegrar-se.

ELISA

Pois eu o deixo... Já que não posso desvanecer, não quero perturbar essas recordações.

JORGE

É uma queixa injusta. Fique!

ELISA

Oh! Não... Não posso demorar-me... Não devo! Quis unicamente agradecer-lhe... Na presença de meu pai não teria ânimo.

JORGE

Por que, Elisa?

ELISA

Não sei!... Há certas coisas que... Não posso explicar... Mas só ao senhor as diria!

JORGE

Tem razão, Elisa! Se há poder sublime é o da alma.

ELISA

Será talvez por isso... Eu conheço que é impróprio vir aqui! Porém ontem a desgraça me arrastou sem consciência do que fazia! Hoje foi a gratidão que me trouxe.

JORGE

Uma vez por todas, Elisa. Não tem que me agradecer.

ELISA  
Oh! Sr. Jorge!

JORGE  
Não, Elisa. O que fiz foi por egoísmo. Não defendia a minha felicidade? E se alguém deve ser grato, não sou eu?

ELISA  
O que o senhor chama a sua felicidade, não é também a minha? Fui eu que a dei ou que recebi?...

JORGE  
Deu-a.

ELISA  
Recebi-a com a honra e a vida de meu pai. Bem vê que a gratidão me pertence e a mim só!

JORGE  
De modo algum!

ELISA  
Não ma roube!... É a minha única riqueza.

JORGE  
E o amor, Elisa?

ELISA  
Esse não me pertence! É seu!... Bem o sabe! Adeus.

JORGE  
Até logo, então?

ELISA  
Até logo, sim... Onde está Joana?

JORGE  
Joana? Lá dentro... saiu... creio.

ELISA

Ainda hoje não a vi!... Desde ontem à tarde!...

JORGE

Esteve ocupada talvez.

ELISA

Ralhe com ela para não ser ingrata!... É verdade!. O que ficou de me dizer ontem?...

JORGE

Depois, Elisa!

ELISA

Também o senhor hoje vai deixando tudo para depois. Quando se realizarão todas as suas promessas?...

JORGE

No dia em que se realizarem as minhas esperanças.

ELISA

Ah!... Tem bem que esperar!

JORGE

Não há de ser tão má.

## CENA II

*Os mesmos e Joana.*

ELISA

Aqui está ela!

JORGE

Joana!

JOANA



Meu nhonhô!... Como está?... Dormiu bem?... Não teve nenhum incômodo, não?... Ai, que já não podia!... Passar tanto tempo sem ver meu nhonhô! Adeus, Iaiá.

ELISA

Estou muito agastada contigo!... Onde é que andaste?

JOANA

Eu! Aí mesmo, Iaiá.

ELISA

Mas chegaste de fora... Ainda não tinhas visto Sr. Jorge hoje?

JORGE

Ainda não.

ELISA

O senhor ainda não saiu!...

JOANA

Não vê, Iaiá... Sim! eu fui ontem de tarde... Aproveitei, como o tempo estava bom... Fui lavar uma trouxa de roupa numa chácara em Santa Teresa.

ELISA

Por isso é que não te vi mais ontem?

JOANA

Foi, Iaiá... Foi por isso mesmo!... Mas nhonhô está triste! não fala com sua mulata.

JORGE

Já te falei, Joana. Estou esperando pelo doutor!

JOANA

Não tarda, nhonhô... Vem sem falta. Não se agonie.

ELISA

E eu não quero que me encontre aqui!

JOANA

Iaiá já vai?... Então quando é o dia!

ELISA

Que dia?... Começas com as tuas graças!

JOANA

Ora, isso é uma coisa tratada. Não é, nhonhô?

JORGE

Só falta o que tu sabes, Joana!

ELISA

O quê?... Não me dizem?

JORGE

É um segredo!

JOANA

Iaiá quer saber?

ELISA

Quero, sim!... É a meu respeito?

JOANA

Escute, Iaiá... No ouvido. É o vestido que está se fazendo.

ELISA

Mentirosa!... Cuidas que eu acredito?

JOANA

Se eu é que hei de cosê-lo com estas mãos!

ELISA

Antes disso tens muito que coser.

JOANA

O enxoval! Não é, Iaiá?

ELISA

Joana! Por tua causa não hei de vir mais aqui. (*Sai*)

### CENA III

*Joana e Jorge.*

JORGE

Como te tratou aquele homem, Joana? Não imaginas quanto me arrependi... Entretanto se não o fizesse, quem sabe o que aconteceria!

JOANA

Não tenha cuidado, nhonhô! Joana vive em toda a parte... O que tem é que sente um aperto de coração quando não pode ver seu nhonhô!

JORGE

Também eu! Toda a noite não pude sossegar... Faltava-me alguma coisa.

JOANA

Deveras!... Nhonhô sentiu que sua Joana se fosse embora!... Como nhonhô é bom! Como quer bem à sua Joana!

JORGE

Pois duvidavas?

JOANA

Então eu não sei que nhonhô me estima!

JORGE

Muito!... E o doutor que não chega!

JOANA

Não pode tardar. Enquanto nhonhô espera, eu vou endireitar isto... Como há de estar tudo numa desordem!

JORGE

Decerto!... não estando tu aqui...

JOANA

Por isso eu hoje, logo que acordei, pedi a Nosso Senhor Jesus Cristo, primeiro pela vida e saúde de meu nhonhô, de Iaiá D. Elisa, do Sr. Gomes, do senhor doutor; depois prometi à Nossa Senhora uma camisinha bordada para seu menino Jesus dela, o que está na igreja do Sacramento, se não deixasse dar nove horas em São Francisco de Paula sem que eu viesse ver meu nhonhô, tomar a benção a ele e fazer seu serviço para que não sentisse a falta de sua Joana.

JORGE

E sou eu que hei de cumprir a tua promessa.

JOANA

Não é nhonhô que me dá tudo?... Depois, das mãos de nhonhô a Virgem Santa há de receber com mais gosto.

JORGE

Ela a receberá do teu coração, Joana.

JOANA

Mas eu é que hei de bordar a camisinha!

JORGE

Faz-te mal aos olhos o bordar.

JOANA

Para Nossa Senhora... Para seu Menino Jesus dela! Qual!

JORGE

Só consinto com a condição de não trabalhares à noite.

JOANA

Pois sim, nhonhô. Mas eu não disse como Nossa Senhora se lembrou de mim!

JORGE

Como foi?

JOANA

Olhe, nhonhô!... Vê-se mesmo que foi coisa do Céu! E há gente que zomba e não quer acreditar!... Pois eu estava pensando no meu

canto, que volta havia de dar para ver nhonhô, quando o homem me chamou e disse: "Se alguém bater fala pela janela e manda esperar. Eu costumo fechar a porta da rua e levar a chave."

JORGE

Deixou-te presa?

JOANA

Não, nhonhô! Aí é que está o milagre de Nossa Senhora! Eu fiquei fria quando ele disse aquilo!... De repente chega uma carta! O homem lê, ataranta-se todo, e lá se vai, sem chave, sem nada!

JORGE

E saíste?

JOANA

Fechei tudo direitinho, cerrei a porta da rua e corri até aqui.

JORGE

Não se zangue ele quando voltar!

JOANA

Antes disso eu hei de estar lá... Deixe-me endireitar tudo... Espanar a mobília.

JORGE

Talvez não voltes mais! Chegando o doutor...

JOANA

Quem dera, nhonhô!

JORGE

Não te há de alegrar mais do que a mim.

JOANA

Ora, nhonhô quer se privar de sua mobília tão bonita!... Simples, mas bem feitinha!... Estas cadeiras tão direitinhas... e leves!... Estes aparadores... Parece que se tomou a medida pela casa.

JORGE

Preferia perder tudo isto a ver-te sair de minha casa... E como?

JOANA

O melhor é a gente não se lembrar mais disto! Oh! nhonhô! Que vidro é este que está aqui?

JORGE

Qual, Joana?

JOANA

Este, nhonhô. Não vê?

JORGE

Cuidado, Joana. É veneno!

JOANA

Veneno!... Nhonhô!... Que quer fazer?... Mau...

JORGE

Ouve!...

JOANA

Mau, sim!... Nhonhô é um ingrato!... Meu Senhor Deus!... E eu não tive uma pancada no coração que me dissesse!

JORGE

Que estás aí a inventar, Joana? Quem te disse que este veneno era para mim?

JOANA

Ah! não era... Mas como veio parar aqui?

JORGE

Eu te explico. Ninguém mais do que tu deve saber. É a prova da tua generosidade!... O pai de Elisa.

JOANA

Senhor Gomes?

JORGE

Queria matar-se!

JOANA

Por causa daquela letra?

JORGE

Justamente. Elisa tirou-lhe o veneno e me confessou tudo ontem!

JOANA

Que menina!... Não me disse nada! Foi dela que nhonhô tomou o vidro?... Mas não devia deixar por aqui.

JORGE

Esqueci-me. Tenho tido tantas preocupações. Dá cá.

JOANA

Eu guardo, nhonhô, para deitar fora.

JORGE

Vê se te descuidas!...

JOANA

Está no seio. Vou atirar ao mar... Pode algum malfazejo...

JORGE

Não o abras!

JOANA

Eu!... Nosso Senhor me defenda.

JORGE

Aí está o doutor!

JOANA

Ah!... Que ia fazendo?

JORGE

Hein?... Que foi?...

JOANA

Naquela aflição de ontem me esqueci!... Nhonhô não diga nada a ele do que se passou!... Olhe lá!

JORGE

Por quê? Não queres que ele te admire?

JOANA

Nhonhô! Fora de graça!... Não diga nada! Por tudo quanto há!

JORGE

Tens razão!...

#### CENA IV

*Os mesmos e Dr. Lima.*

DR. LIMA

Então como se arranjou?

JORGE

Achei quem me emprestasse, mas com a condição de pagar hoje sem falta.

DR. LIMA

Muito bem! Eu fiz o que pude. Ontem nada consegui.

JORGE

E hoje?...

DR. LIMA

Adeus, Joana.

JOANA

Meu senhor passou bem?

JORGE

Mas então, doutor?

DR. LIMA

O que lhe disse eu ontem?



JORGE

Que hoje às nove horas, se não pudesse antes.

DR. LIMA

Que horas são?

JORGE

Não sei! Empenhei o meu relógio!...

JOANA

Hão de ser nove, meu senhor.

DR. LIMA

Menos cinco minutos. Eu aqui estou e o dinheiro comigo.

JORGE

Ah!

JOANA

Eu sempre disse! Homem de palavra, como meu senhor!...

DR. LIMA

Espera! que temos uma conta a ajustar...

JOANA

Comigo?... Eu não fiz nada!

DR. LIMA

Já te falo. (*A Jorge*) Aqui tem. Está nesta carteira um conto de réis. Tire o que precisar.

JORGE

Preciso de seiscentos mil-réis. Tenho oitenta, bastam-me quinhentos e vinte.

DR. LIMA

Não se acanhe!... Esses oitenta mil-réis são naturalmente o produto do seu relógio empenhado!... Vá desfazer essa transação. Gaste o

que for preciso para pôr em ordem os seus negócios. Depois falaremos.

JORGE

Não lhe sei agradecer, doutor!... Se este dinheiro fosse para matar-me a fome, eu não o receberia com tanta avidez.

DR. LIMA

Agora a nossa conta, Joana. Jorge não te deu ou tem um papel?

JOANA

Meu senhor!...

JORGE

Como soube, doutor?

DR. LIMA

Eu não estava aqui?... Já se esqueceram?...

JORGE

Estava... mas...

DR. LIMA

Quando te deu esse papel, que te disse Jorge?

JOANA

A que vem isto agora, meu senhor?

DR. LIMA

Ainda!... Disse-te: "Joana, nesta casa não há mais nem senhor nem escrava." (*A Jorge*) Não foi isto?

JORGE

Foi, doutor, e repito.

DR. LIMA

Ora bem! Se eu te ouvir daqui em diante alguma destas palavras, meu senhor, sua escrava, saio por aquela porta e não ponho mais os pés aqui!

JOANA  
Meu... senhor doutor!

JORGE  
Ralhe! Ralhe com ela, doutor, para ver se emenda-se.

DR. LIMA  
Não venho mais cá e escrevo uma carta a Jorge... explicando-lhe o motivo?

JOANA  
Ah! Vosmecê não há de fazer isto! Eu juro o que quiser.

DR. LIMA  
Estamos entendidos.

JORGE  
Dê-me licença, doutor. Vou sair um instante para saldar essa dívida que me pesa.

DR. LIMA  
Sem cerimônia! Vá. Enquanto espero, Joana, prepara alguma coisa, que ainda não almocei.

JORGE  
Ouves, Joana?!

JOANA  
Já. Num momento!

DR. LIMA  
Chá e pão, basta!... Quem toca por aqui?

JOANA  
É Iaiá.

JORGE  
É a minha vizinha do primeiro andar.

DR. LIMA

Que não tarda subir ao segundo?

JORGE

Talvez, doutor.

## CENA V

*Dr. Lima e Joana.*

DR. LIMA

Dá-me o jornal!... Aquilo que eu te disse é sério, ouviste, Joana?

JOANA

Ouvi, senhor doutor. Quer que eu jure outra vez?

DR. LIMA

Não é necessário.

JOANA

Ai!... Iaiá D. Elisa vai cantar! Como ela está contente hoje! Coitadinha! É uma pombinha sem fel!... E como canta bem!... Ora, discípula de nhonhô!... Que bonita voz!... Não é, senhor doutor?

DR. LIMA

Muito; há outra que eu acharia mais bonita.

JOANA

Qual?... Não é capaz.

DR. LIMA

A tua, Joana...

JOANA

Gentes!... Que partes do senhor doutor.

DR. LIMA

Se ouvisses o resto... É a tua quando me disseres que o almoço está pronto.

JOANA

Santo Deus!... E eu a dar à taramela!... Perdão, senhor doutor.

DR. LIMA

Perdoo-te o julgares que com sessenta anos tinha tenções de namorar-te.

### CENA VI

*Dr. Lima.*

*(Cena muda. O doutor lê o jornal, interrompendo as vezes a leitura para ouvir o romance francês – Aiguille – que Elisa canta; afinal adormece. Pouco depois de acabar o romance, entra Jorge)*

### CENA VII

*Dr. Lima e Jorge.*

JORGE

Que maçada!

DR. LIMA

Hein!... Que é?... Que temos?

JORGE

Estou contrariado, doutor. Não achei o homem.

DR. LIMA

Não é culpa sua. Ele que o procure.

JORGE

Fiquei de ir levar-lhe o dinheiro, eu mesmo.

DR. LIMA

Voltará depois.

JORGE

Devo pagar-lhe hoje sem falta.

DR. LIMA

O dia apenas começou. Há tempo de sobra.

JORGE

Só o encontrarei de manhã.

DR. LIMA

Ora, se lhe parece!... Faça disso uma questão de honra! Já o procurou; cumpriu o seu dever. Ele que apareça.

JORGE

Aqui?

DR. LIMA

Então!... Onde há de ser?

JORGE

Eu é que devo ir à sua casa.

DR. LIMA

Há de poupar-lhe esse incômodo. Não digo!

### CENA VIII

*Os mesmos, Elisa e Gomes.*

GOMES

Não é uma visita, Sr. Jorge, que viemos fazer-lhe, minha filha e eu.

JORGE

Sente-se, D. Elisa... Sr. Gomes, doutor!...

GOMES

Não é uma visita, não. É uma romaria, como dizem que outrora faziam aos lugares santos.

JORGE

Ora, Sr. Gomes.

GOMES

O senhor doutor, a quem peço desculpa de minha distração de ontem...

DR. LIMA

Não tem de quê. Vi que estava indisposto.

GOMES

Estava, como pode estar o homem a quem a honra ordena que morra e sua filha órfã pede que viva.

ELISA

Meu pai!... Esqueça-se!

GOMES

Ao contrário devo lembrar! Devo confessá-lo! Não temos outro meio de reconhecer a dedicação daquele a quem tu deves a vida do teu pai; e eu mais do que a vida.

JORGE

Para que voltar a um passado que nos aflige a todos?

GOMES

Eu não conheço egoísmo mais cruel do que o do benfeitor que recusa o reconhecimento daqueles a quem recorreu. A gratidão, Sr. Jorge, não é só um dever; é também um direito.

DR. LIMA

E um direito sagrado!

JORGE

Porém, doutor, o Sr. Gomes nada me tem a agradecer. Ele o sabe; e vou dar-lhe a prova. Estamos entre amigos, Elisa... seu pai e o meu...

DR. LIMA

Pela afeição unicamente! Nunca lhe fiz serviços...

JORGE

Doutor!... Não há meia hora!

GOMES

Vê, Sr. Jorge! O senhor mesmo me dá razão.

JORGE

Não, senhor! Ouça... Eu concebi, há meses, uma esperança de cuja realização depende a ventura de minha vida. Amava... Amo sua filha!

GOMES

Ela me confessou, Sr. Jorge.

JORGE

Confessou-lhe unicamente que eu a amava?

GOMES

E que era...

ELISA

Meu pai!...

GOMES

Não cores, minha filha. O amor puro, como o teu, é a coroa de virgem de uma moça. Elisa também o ama, Sr. Jorge.

JORGE

Que fiz eu pois, Sr. Gomes, senão velar sobre a minha felicidade?... Fui apenas egoísta!... Não tenho razão, doutor?...

DR. LIMA

Todos têm razão; mas é preciso que se entendam. Definamos a situação, como dizem os estadistas quando a querem embrulhar. Jorge pede-lhe a mão de sua filha, Sr. Gomes.

GOMES

Responde, Elisa.

ELISA

Não... Logo... meu pai!

GOMES

É de ti unicamente que ele deve receber a tua mão!



ELISA

Ele já não sabe?

JORGE

É verdade! Só esperamos pelo seu consentimento.

GOMES

Não tenho consentimento a dar... Faço um voto pela felicidade de ambos.

DR. LIMA

Isto é mais claro. Marquemos o dia.

GOMES

O Sr. Jorge dirá.

ELISA

Já!... Que pressa!

JORGE

Elisa é quem deve marcar.

ELISA

Eu não!

DR. LIMA

Pois marco eu. E aposto que vão todos ficar satisfeitos. Que dia é hoje?

JORGE

Terça-feira.

DR. LIMA

Em três dias faz-se um vestido... Sábado!

GOMES

Muito bem.

JORGE

Concordo.

ELISA  
Tão cedo!...

DR. LIMA  
Quanto à casa, esta tem as acomodações necessárias.

JORGE  
Ainda não a viu, Sr. Gomes? Venha. Quero mostrar-lhe o gabinete que lhe destino.

GOMES  
A mim!...

JORGE  
Desejo que Elisa tenha seu pai junto de si. Entremos. Casa de estudante... Não repare.

### CENA IX

*Dr. Lima e Elisa.*

DR. LIMA  
Há pouco, sem o suspeitar, deu-me grande prazer, minha senhora. Ouvi-a cantar.

ELISA  
Ah! Estava aqui?

DR. LIMA  
Era um romance francês!...

ELISA  
Aprendi-o a cantar sentindo-o. Por isso gosto muito dele.

DR. LIMA  
Tem uma linda voz!

ELISA

Qual!... Há muitos dias que não cantava! Hoje tive umas saudades!

DR. LIMA

Da música ou do mestre?...

### CENA X

*Os mesmos e Peixoto.*

PEIXOTO

Viva, senhor!

DR. LIMA

Tire o chapéu!... Não vê que está diante de uma senhora?

PEIXOTO

Não reparo nestas coisas... A minha escrava?...

DR. LIMA

Que escrava? O senhor sabe a quem fala?

PEIXOTO

A escrava que o tal Sr. Jorge me vendeu!... Fugiu-me esta manhã!...  
Está acoitada aqui!

ELISA

Joana!

DR. LIMA

Tranquelize-se, D. Elisa. Joana está forra. Jorge deu-lhe ontem a carta  
à minha vista!

ELISA

Ela o merecia!

PEIXOTO

Que história está aí o senhor a contar?

DR. LIMA

Digo-lhe a verdade.

PEIXOTO

Pois enganou-se!... Quero já para aqui a minha escrava!... Senão vou à polícia!... É uma velhacada!

DR. LIMA

Lembro-lhe que não está em sua casa! De que escrava fala o senhor!

PEIXOTO

Quantas vezes quer que lhe diga?... Da mulata Joana, que comprei ontem!

ELISA

Ah!

DR. LIMA

O senhor mente!

PEIXOTO

Veremos!... Eu lhe mostrarei para que serve este papel. (*O doutor lê o papel na mão de Peixoto. Joana aparece no fundo*)

## CENA XI

*Os mesmos, Jorge e Gomes.*

JORGE

Cale-se.

GOMES

Este miserável aqui!

PEIXOTO

A minha escrava!

DR. LIMA

Desgraçado!...

JORGE

Doutor...

DR. LIMA  
Tu vendeste tua mãe!

*(Joana foge)*

JORGE  
Minha mãe!... Ah!...

DR. LIMA  
Tua mãe, sim!... Digo-o alto! porque te sei bastante nobre para não renegares aquela que te deu o ser.

*(Pequena pausa)*

PEIXOTO  
Em todo o caso... Eu não perco o meu dinheiro.

DR. LIMA  
Quanto se lhe deve?

PEIXOTO  
Seiscentos mil-réis!

*(Jorge tira o dinheiro)*

DR. LIMA  
Dê-me este papel.

JORGE  
Não o rasgue, doutor!

DR. LIMA  
Para que conservar esse testemunho?

JORGE  
Para exprobrar-lhe o que me obrigou a fazer!... Porque foi ela... que tratou com esse homem.

PEIXOTO

Lá isso é a pura verdade.

JORGE

A carta rasgou-a!

DR. LIMA

Amor de mãe!...

JORGE

Ah! Meu pai!... Como deves sofrer neste momento!

DR. LIMA

Ele não teve tempo de declarar... A morte foi repentina.

JORGE

E ter vivido vinte anos com ela, recebendo todos os dias, a todo o instante as efusões desse amor sublime!... E não adivinhar!... Não pressentir!... Perdão, minha mãe!... Onde está ela? (*Sai*)

## CENA XII

*Dr. Lima, Gomes, Elisa, Peixoto e Vicente.*

VICENTE (*a Peixoto*)

Alto lá, camarada! (*Segura-o pela gola*)

PEIXOTO

Isto são modos!

VICENTE

Bom dia, senhor doutor e companhia.

DR. LIMA

Adeus.

PEIXOTO

Largue-me, senhor!

VICENTE

Está seguro! Deixe-se de partes.

PEIXOTO

Com que direito me priva de sair?

VICENTE

Já lhe digo. (*Lê*) "Mandado de prisão passado a requerimento do Dr. Promotor!..."

PEIXOTO

Eu preso!... Por quê?

VICENTE

Por causa de certas letras...

PEIXOTO É falso!

VICENTE

São falsas mesmo as tais letras...

PEIXOTO

Senhor Vicente...

VICENTE

Romão, meu caro senhor, Romão... Tenha a bondade de seguir-me.

GOMES

Deus é justo! (*Elisa entra rapidamente na alcova*)

### CENA XIII

*Dr. Lima, Gomes e Jorge.*

JORGE

Viu-a, doutor?... Não a encontrei!... Procurei tudo!

DR. LIMA

Sossegue, Jorge! Deve ter saído... Ela nada sabe ainda! Seja prudente... Não lhe anuncie de repente!... O choque pode ser terrível!

JORGE

Não me sei conter!... Quero abraçá-la!... Minha mãe!... Que prazer supremo que eu sinto em pronunciar este nome!... Parece-me que aprendi-o há pouco!...

GOMES

Senhor Jorge.

JORGE

Ah! Desculpe... Esqueci-me que estava aqui... O que acabo de saber!...

GOMES

Penaliza-me bastante, creia.

JORGE

Como, Sr. Gomes?

GOMES

Sinto muito, porém. O senhor compreende a minha posição... As considerações sociais...

JORGE

Acabe, senhor!...

GOMES

Esse casamento não é mais possível!

JORGE

Ah!

DR. LIMA

Por que razão, Sr. Gomes?

JORGE

Porque não reneguei minha mãe!

GOMES

Senhor Jorge, eu o estimo... porém...



JORGE

Tem razão, Sr. Gomes!... O senhor me julga indigno de pertencer à sua família porque eu sou filho daquela que se vendeu para salvar essa mesma honra em nome da qual me repele!

GOMES

Que diz, senhor?...

ELISA (*fora*)

Jorge!... Sua mãe!...

JORGE

Elisa!... Aonde?... (*Entra na alcova*)

GOMES

Nas minhas circunstâncias que faria, senhor doutor?

DR. LIMA

Não há considerações nem prejuízos, senhor, que me obriguem a cometer uma ingratidão.

#### CENA XIV

*Dr. Lima, Gomes, Jorge e Joana.*

JORGE

Doutor, acuda!... Depressa!...

DR. LIMA

O quê?

ELISA

Este vidro!...

GOMES

Envenenada!...

JOANA

Um ataque!...

JORGE

E o mesmo veneno que ela arrancou-lhe dos lábios... Sr. Gomes!

DR. LIMA

Que fizeste, Joana?

JOANA

Nada, meu... senhor doutor.

JORGE

Salve-a, meu amigo!...

DR. LIMA

Só Deus!... A ciência nada pode!

JORGE

Minha mãe!...

JOANA

Não!... Eu não sou sua mãe, nhonhô... O que ele disse, senhor doutor, não é verdade... Ele não sabe...

DR. LIMA

Joana!...

JOANA

Não é verdade, não!... Pois já se viu isso?... Eu ser mãe de um moço como nhonhô!... Eu uma escrava!... Não vê, nhonhô, que ele se engana?

JORGE

Me perdoa, minha mãe, não te haver conhecido!

JOANA

Senhor doutor quer dizer que eu fui ama de nhonhô!... Que nhonhô era meu... meu... de leite... só... só de leite!...

JORGE

Chama-me teu filho!... Eu te suplico!...

JOANA

Mas não e... não!... Eu juro...

DR. LIMA

Joana!... Deus nos ouve!

JOANA

Por Deus mesmo... Ele sabe por que digo isto!... Por Deus mesmo...  
Juro... que... Ah!...

JORGE

Morta!...

ELISA

Minha boa Joana!...

JOANA

Escute, Iaiá Elisa... É a última coisa que lhe peço... Iaiá há de fazer  
meu nhonhô muito feliz!... Me promete?... Queira a ele tanto bem,  
como Joana queria... Mas, nem Iaiá nem ninguém pode... não!...

JORGE

Minha mãe!... Por que foges de teu filho, apenas ele te reconhece?

JOANA

Adeus, meu nhonhô... Lembre-se às vezes de Joana... Sim?... Ela vai  
rezar no céu por seu nhonhô... Mas antes eu queria pedir...

JORGE

O que, mãe? Pede-me!...

JOANA

Nhonhô não se zanga?

JORGE

Eu sou teu filho!... Dize!... Uma vez ao menos... este nome.

JOANA

Ah!... Não!... Não posso!

JORGE  
Fala! Fala!

JOANA  
É um atrevimento!... Mas eu queria antes de morrer... beijar sua...  
sua testa, meu nhonhô!...

JORGE  
Mãe!...

JOANA  
Ah!... Joana morre feliz!

JORGE  
Abandonando seu filho.

JOANA  
Nhonhô!... Ele se enganou!... Eu não... Eu não sou tua mãe, não...  
meu filho! (*Morre*)

JORGE (*de joelhos*)  
Minha mãe!...

ELISA  
E minha, Jorge!...

GOMES  
Ela abençoe tão santa união!...

DR. LIMA  
E me perdoe o mal que lhe fiz!



**Iba Mendes Editor Digital**  
**[www.poeteiro.com](http://www.poeteiro.com)**